

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Magda de Souza Avila

**BIBLIOTECAS ESCOLARES: a percepção dos gestores escolares em relação
às bibliotecas no município de Gravataí-RS**

Porto Alegre

2012

Magda de Souza Avila

**BIBLIOTECAS ESCOLARES: a percepção dos gestores escolares em relação
às bibliotecas no município de Gravataí-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^o. Dr. Rodrigo da Silva Caxias de Sousa – CRB – 10/1448.

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof^a. Dra. Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituto: Prof^a. Dra. Sônia Elisa Caregnato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

Coordenadora Substituta: Prof^a. Me. Gloria Isabel Satttadini Ferreira

Vice-Coordenadora: Prof^a. Dra. Sônia Elisa Caregnato

Vice-Coordenador: Prof^o. Dr. Geraldo Ribas Machado

CIP – Brasil – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Avila, Magda de Souza

A958b Bibliotecas escolares : a percepção dos gestores escolares em relação às bibliotecas no município de Gravataí-RS [manuscrito] / Magda de Souza Ávila; Rodrigo da Silva Caxias de Sousa, orientador. – Porto Alegre, 2012. – 93 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ciências da Informação, Porto Alegre, 2012.

1. Biblioteca escolar 2. Ensino fundamental 3. Educação de jovens e adultos 4. Gestor Escolar 5. Gravataí-RS 6. Análise de conteúdo I. Sousa, Rodrigo da Silva Caxias de; orient. II. Título.

CDU 027.8

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcellos, 2705 – Campus Saúde
CEP: 900.35-007 – Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 3308 5143
Fax: (51) 3308 5747
E-mail: dci@ufrgs.br

Magda de Souza Avila

**BIBLIOTECAS ESCOLARES: a percepção dos gestores escolares em relação
às bibliotecas no município de Gravataí-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^o. Dr. Rodrigo da Silva Caxias de
Sousa – CRB – 10/1448.

Data da Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof^a. Me. Bruna Silva do Nascimento
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de Ciência da Informação
Avaliadora

Prof^o. Emérito Dr. Paul Kaegbein
Universidade de Colônia
Departamento de Biblioteconomia
Avaliador

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha musa motivadora e inspiradora, professora, artista, bibliotecária por formação e atleta por opção: Renate Vera H.Sindermann.

AGRADECIMENTOS

"Sempre que penso nas mulheres, me vem a imagem de um rio enorme e caudaloso que temos que atravessar. Umás apenas molham os pés e desistem, outras nadam até a metade e voltam, temendo que lhes falem as forças. Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem custe o que custar. Da travessia, vão largando pedaços de carne, pedaços delas mesmas. E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher estraçalhada, mas o que ficou pelo caminho é tão somente a pele velha. Na outra margem chega uma NOVA MULHER." (Zuleica Alambert). A caminhada foi longa, a escalada não menos árdua, porém, *o que não mata, nos fortalece*. (Nietzsche).

AGRADEÇO a minha avó Leda (in memórium, 2001), que mesmo sem ler, nem escrever, incentivou-me a não desistir dos estudos. Aos meus pais Pedro e Julia pela confiança, estímulo e apoio sempre, ou seja, sou grata a minha família e, especificamente, aos meus filhos, mesmo embora os vários obstáculos, cada um da sua maneira, compreendeu que: estamos aí, aqui e acolá para o que der e vier. Já pela muita paciência, pelo carinho, os cuidados e a cumplicidade ao querido e amado Dani e, muito grata, pela importante contribuição na correção da tradução.

Aos que, também, somam na contribuição: a família Motta, o amigo Gelber, aos amigos Naci e Família, aos meus colegas e amigos (as) nessa caminhada, pelas muitas interações e debates, o João Taylor (In memórium, 2011), ao casal Alex e Janaina; a Jacy; ao Mateus Silva; ao Edson Duarte, a Karina Santos; a Raka, a Angel Brandoff e, tantos outros e, especialmente, a Fernanda Spíndola e o Rafael Antunes.

Também, aos funcionários da DSSAE, do R. U., e fabicanos, às bibliotecas setoriais da UFRGS, especificamente à setorial da FABICO. Sou grata ao orientador Prof^o. Dr. Rodrigo da S.C.de Sousa, a Prof^a. Me. Bruna S. do Nascimento e, especialmente, ao Prof^o. Paul Kaegbein pela sua gentileza em aceitar o singelo convite, também ao prof^o. Dr. Paulo Cesar D. Motta. Agradeço a existência da universidade pública e de qualidade, mesmo que sempre a melhorar e, principalmente à Defensoria Pública da União (DPU), pela defesa que possibilitou essa continuidade e esse final.

[...] A Universidade nos serve, não somente para enriquecer e ampliar o nosso conhecimento, mas também para amparar a nossa indignação. (informação verbal)¹

¹ Frase do historiador dita em aula de Cultura Brasileira. (LOPEZ, Luiz R, 2001).

RESUMO

Este estudo se refere às Bibliotecas Escolares do ensino fundamental para a educação de jovens e adultos. Tem o objetivo principal a análise a respeito da percepção dos gestores em relação às bibliotecas escolares das escolas de ensino fundamental de educação de jovens e adultos, do município de Gravataí no Estado do Rio Grande do Sul – RS. Busca identificar como os gestores escolares percebem a biblioteca como espaço educativo dentro do currículo a ser contemplado no currículo; levantar propostas relativas a ações a serem desenvolvidas na relação currículo e biblioteca; propor estratégias educativas a partir das falas dos gestores escolares a serem desenvolvidas na biblioteca, além de confrontar as categorias obtidas de pesquisa documental com as categorias a partir das falas. Trata de um estudo exploratório, de natureza qualitativa que utiliza como métodos o levantamento bibliográfico, a entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo. A análise de conteúdo foi a partir das entrevistas com os gestores próximas das teorias no presente estudo. São perspectivas teóricas os vários conceitos sobre a biblioteca escolar em relação à educação. Busca refletir sobre a função educativa da biblioteca escolar e a que se dedica. Apresenta um breve histórico sobre a educação, as conferências internacionais, as perspectivas nacionais no contexto escolar brasileiro e, a partir dessa contextualização geral, a educação de jovens e adultos, as escolas brasileiras e o papel educativo da biblioteca escolar. Mostra a biblioteca escolar em seus pontos que convergem em relação ao currículo escolar e relaciona os conceitos e as teorizações sobre a construção histórica a respeito do currículo. Abordar a aproximação da ciência pedagógica com a ciência da informação, por meio da pedagogia científica. Descreve o histórico da educação para jovens e adultos, que transcende a territorialidade brasileira e a construção do ensino. Mostra a biblioteca enquanto respaldo pedagógico na perspectiva do educador Paulo Freire. Apresenta a cultura e ação a cultural na biblioteca escolar com respaldado nas perspectivas de Freire. E por fim confronta as teorias pela análise e a interpretação das falas dos gestores das bibliotecas escolares quando questionados em relação ao papel e a função educativa da biblioteca.

Palavras-chaves: Bibliotecas Escolares. Ensino Fundamental. Educação de Jovens e Adultos. Gestores Escolares. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This study refers to the school libraries of elementary school for the education of youth and adults. It has the main objective of the analysis about the perceptions of managers regarding the school libraries of elementary schools for youth and adults, the town of Gravataí in the state of Rio Grande do Sul - RS. It seeks to identify how school administrators perceive the library as education space within the curriculum to be covered in the curriculum, raise proposals for action to be taken in relation curriculum and library; propose educational strategies from the speech of school managers to be developed in the library, and confront the categories obtained from desk research with the categories of statements. This is an exploratory and qualitative study in which the used methods are the bibliography, the semi-structured interviews and content analysis. Content analysis of interviews with managers was made from the theories present in the study. The theoretical perspectives are the various concepts of the school library in relation to education. Seeks to reflect on the educational function of the school library. It presents a brief history of education, international conferences, nationwide perspectives in the Brazilian school context, from this general context, the education of young people and adults, the Brazilian schools and the educational role of the school library. Shows the school library in their points that converge in relation to school curriculum and relates the concepts and theories about the historical construction about the curriculum. Addressing the approach of teaching science to information science through the scientific pedagogy. Describes the history of education for youth and adults that transcends territoriality and the construction of Brazilian education. Shows the library as educational support from the perspective of the educator Paulo Freire. Presents the culture and cultural action in the school library with backed the prospects for Freire. And finally confronts theories for the analysis and interpretation of the speeches of the managers of school libraries when asked about the role and function of the educational library.

Keywords: School Libraries. Elementary School. Youth and Adults Education. School Managers. Content Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Manifesto IFLA/UNESCO: biblioteca escolar.....	20
Quadro 2 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função da biblioteca escolar.....	22
Quadro 3 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função da biblioteca escolar (cont.)	24
Quadro 4 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função e papel da biblioteca escolar	25
Quadro 5 – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED/PNE.....	31
Quadro 6 – Plano Nacional de Bibliotecas Escolares PNBE (1998-2006).....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorização: classificação.....	91
Tabela 2 – Biblioteca Escolar identificada no currículo escolar, ou não.....	92
Tabela 3 – Ações e propostas estratégicas educativas da biblioteca escolar para a EJA.....	93

LISTA DE SIGLAS

ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
CONFITEA	Conferência Internacional Sobre a Educação de Adultos
ECI/UFMG	Escola de Ciência da Informação da UFMG
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FEBAB	Federação Brasileira de Bibliotecários, Documentação e Ciência da Informação
GEBE	Grupo de Estudos de Bibliotecas Escolares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MINC	Ministério da Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA	Organização dos Estados Americanos
PIB	Produto Interno Bruto
PLL	Programa Nacional de Leitura

PMLL	Plano Municipal do Livro e da Leitura
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PMG	Prefeitura Municipal de Gravataí
PNBE	Plano Nacional de Bibliotecas Escolares
PNE	Plano Nacional de Ensino
RS	Rio Grande do Sul
SEC	Secretaria de Educação
SMED	Secretaria Municipal de Educação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Problema de pesquisa.....	14
1.2	Objetivos.....	15
1.2.1	Objetivo Geral.....	15
1.2.2	Objetivos Específicos.....	15
2	DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS TEÓRICAS.....	16
2.1	Biblioteca Escolar: proposições teórico – institucionais.....	16
2.1.1	Biblioteca Escolar: instrumento e ou complemento.....	19
2.2	Função da Biblioteca Escolar: a que se dedica a biblioteca.....	22
2.3	Biblioteca Escolar e seu papel Educativo.....	28
2.3.1	Biblioteca Escolar e currículo: pontos convergentes.....	33
2.3.2	<i>Locus pedagógico e educação de jovens e adultos (EJA).....</i>	<i>35</i>
2.3.2.1	<i>Ciência da Informação e o seu locus.....</i>	<i>36</i>
2.3.2.2	<i>Pedagogia e o seu locus.....</i>	<i>40</i>
2.3.3	Histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	44
2.3.4	Educação de Jovens e Adultos no Brasil: século XVIII ao século XXI.....	47
2.4	Paulo Freire: respaldo pedagógico da biblioteca.....	52
2.5	Cultura e ação cultural na biblioteca na perspectiva de Paulo Freire... 55	55
3	METODOLOGIA.....	57
3.1	Modelo de Pesquisa.....	57
3.2	População e amostra.....	57
3.3	Características dos sujeitos e das escolas.....	58
3.4	Crterios da Pesquisa Bibliográfica e Documental.....	59
3.5	Instrumentos de coleta de dados.....	59
3.6	Procedimentos de pesquisa.....	59
3.7	Plano de análise e apresentação dos resultados.....	60
3.8	Aplicação do plano de análise.....	61
3.9	Limitações do estudo.....	62
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS.....	63
4.1	Categoria 1 - Biblioteca Escolar enquanto espaço educativo.....	63
4.2	Categoria 2 - Ações que refletem a relação do currículo e a biblioteca.....	65
4.3	Categoria 3 - Papel educativo da Biblioteca Escolar.....	68
4.4	Categoria 4 - Funções da Biblioteca Escolar.....	70
4.5	Categoria 5- Cultura e Ação Cultural na Biblioteca Escolar.....	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	89
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DAS ENTREVISTAS.....	90
	APÊNDICE C – CATEGORIAS PELAS ENTREVISTAS.....	91
	APÊNDICE D – BIBLIOTECA ESCOLAR E CURRÍCULO: Identifica e Contribui..	92
	APÊNDICE E – AÇÕES E PROPOSTAS OBTIDAS PELAS FALAS DOS RESPONDENTES.....	93

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de algumas inquietações em relação às bibliotecas escolares, especificamente, às bibliotecas em escolas de ensino fundamental com educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Gravataí.

A escolha desse tema não se deu por acaso. O que determinou o estudo da biblioteca escolar foram duas razões que a seguir destacam-se em relação à realidade a ser investigada, especificamente, para o ensino para a certificação de jovens e adultos (EJA). Justifica-se, primeiro, por tentar compreender o universo complexo deste âmbito da educação, que apresenta pessoas com as mais diversas dificuldades, mas que, ainda assim, buscam aprender, alfabetizar-se, informar-se. Esse fato indica um universo com características específicas que aumenta ainda mais o interesse em perceber no contexto da educação, currículo e identidade, como se dá a relação com a biblioteca escolar nas perspectivas de seus diretores/gestores.

Desta maneira, por meio da perspectiva teórica que motivou este estudo, buscou-se uma aproximação conceitual de biblioteca escolar, currículo e educação de jovens e adultos. Infelizmente no que tange apresentar as bibliotecas escolares será necessário mencionar as ausências, os descasos, as mazelas (MILANESI, 1986a, 1986b, 1994; POLKE, 1973; SILVA, 1999), correlacionando-os às percepções dos gestores escolares.

Este estudo pretende tornar-se um diferencial neste caminhar quanto às percepções obtidas, além das intencionalidades que caracterizam o processo educativo que necessitam considerar a biblioteca como elemento indissociável da composição curricular.

Na tentativa de ponderar entre o perceber e o conceber as bibliotecas escolares, como são necessárias para qualquer concepção de ensino e, que por isso devem servir de instrumentos para o desenvolvimento no âmbito educacional, cultural, social. Além de serem, para os indivíduos, exercícios de aprendizagem permanentes.

Na elaboração deste estudo, o mesmo baseou-se em pesquisa bibliográfica e documental. Para a pesquisa bibliográfica, o estudo buscou a fonte de informação especializada no estudo brasileiro sobre bibliotecas escolares, denominado de grupo

de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). A escolha deu-se por ser considerada a base de referência que reúne documentos produzidos no Brasil, desde a década de 60, sobre bibliotecas escolares, os quais incluem artigos de periódicos, dissertações, teses e apresentações em eventos.

Para a pesquisa documental buscou-se as fontes institucionais governamentais públicas no âmbito Federal, Estadual e Municipal.

Neste estudo observou-se que sob a jurisdição do Gravataí existem cadastradas 76 (setenta e seis) escolas de ensino fundamental (seção: 3.2, p.57), porém com, somente, 5 (cinco) escolas com Educação de Jovens e Adultos (EJA) . Sendo que no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, se extraiu informações, que no município, há um número de 6.289 (seis mil duzentos e oitenta e nove) pessoas que não sabem ler, ou escrever, ou seja, de pessoas consideradas não alfabetizadas. (IBGE)¹. Neste contexto sobre alfabetização, atualmente o município apresenta um universo de 1.443 (um mil quatrocentos e quarenta e três) alunos cursando a educação de jovens e adultos.

No entanto, diante da complexa realidade educacional brasileira (seção: 2.3.4, p.50), e mais especificamente, na sua confluência com as escolas e suas bibliotecas, busca-se entender que nível de compreensão e valorização existe em relação à biblioteca na política educacional analisada a partir das falas dos gestores das instituições, sem esgotar o assunto, porém sem desconsiderar todas as demais dificuldades e problemáticas da Educação no Brasil, como a desvalorização dos profissionais de educação.

A escolha do tema bibliotecas escolares justifica-se pela possibilidade de contribuição teórica para a área, já que o problema reflete estudos sobre bibliotecas escolares minimamente desenvolvidos, ou ainda pouco explorados em relação à forma como os gestores percebem a biblioteca e a sua relação com a educação de jovens e adultos (EJA).

A partir dessas reflexões pretende-se relacionar a biblioteca escolar com a educação e ressaltar sua importância nesta relação. Vista dessa maneira, apresentam-se como *locus* pedagógico não somente a escola, para a educação de

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/comparamun/compara.php?codmun=430920&coduf=43&tema=ind_soc_munic_cens_o2010&codv=v32&lang=>>. Acesso em: 04 out. 2011.

jovens e adultos, mas igualmente, a biblioteca na sua função educativa de espaço necessário à formação dos educando. Além do seu objetivo tradicional de apoio para o conhecimento e aprendizagem dos indivíduos ao visar cumprir o papel educativo enquanto espaço da escola.

A organização do estudo está assim composta: no primeiro capítulo apresenta-se a introdução, o problema de pesquisa, os objetivos, o objetivo geral e os objetivos específicos.

O capítulo dois trata da definição das categorias teóricas: em biblioteca escolar, apresenta as proposições teórico-institucionais; a função da biblioteca escolar; numa perspectiva pedagógica a biblioteca escolar e seu papel educativo, a biblioteca escolar e currículo: pontos convergentes, o *locus* pedagógico e a educação de jovens e adultos (EJA), Ciência da Informação e seu *locus*, Pedagogia e o seu *locus*; um breve histórico da educação de adultos; a educação de jovens e adultos no Século XVIII-XXI, além de Paulo Freire como o respaldo pedagógico da biblioteca e, a cultura e a ação cultural na biblioteca na perspectiva do educador.

Na parte relativa a metodologia, no capítulo três descreve-se o modelo de pesquisa; a população e a amostra; as características dos sujeitos e das escolas, os critérios da pesquisa bibliográfica e documental, os instrumentos de coleta de dados; os procedimentos de pesquisa; o plano de análise e apresentação dos resultados, como se deu a aplicação do plano de análise e as limitações do estudo.

O capítulo quatro se propõe a análise feita pela fala dos gestores por meio das entrevistas.

Por fim, o trabalho apresenta as considerações finais, bem como as referências das obras utilizadas para o embasamento teórico do mesmo. Assim nos tópicos que seguem.

1.1 Problema de Pesquisa

A partir da proposta de análise acerca de como os gestores de escolas públicas compreendem o papel educativo das bibliotecas escolares surge a seguinte questão:

Qual é a percepção dos gestores de escolas públicas em relação a função educativa das bibliotecas escolares?

1.2 Objetivos

Para a elaboração deste trabalho foram estabelecidos os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção dos gestores em relação às bibliotecas das escolas municipais de ensino fundamental (EJA) do município de Gravataí.

1.2.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos os descritos a seguir:

- a) identificar como os gestores escolares percebem a biblioteca como espaço educativo dentro do currículo ou, para ser contemplado no currículo;
- b) levantar propostas relativas às ações a serem desenvolvidas na relação currículo / biblioteca;
- c) propor estratégias educativas a partir das falas dos gestores escolares a serem desenvolvidas na biblioteca;
- d) confrontar as categorias obtidas de pesquisa documental com as categorias obtidas das falas (entrevistas).

2 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS TEÓRICAS

Neste espaço da escrita (Capítulo 2), apresenta-se a perspectiva teórica que motiva este estudo está baseia-se na aproximação do conceito de biblioteca escolar, currículo e educação de jovens e adultos. Tal aproximação se mostra pertinente na medida em que se apresentam vários conceitos e teorias em relação à educação.

2.1 Biblioteca Escolar: proposições teórico - institucionais

Nessa parte do estudo trás proposições teórico-institucionais, as perspectivas teóricas e os vários conceitos sobre a biblioteca escolar em relação à educação. Iniciando pelo conceito atual de biblioteca escolar e educação, o qual propõe mudanças significativas, no seu desenvolvimento educacional, seguido de ações educativas, ações informativas e ações culturais, salientado por diversos autores pela “atuação como agente revolucionária, agente de transformação, centro de recursos, centro de mídia escolar, espaço público, instrumento de desenvolvimento do currículo e laboratório de ciência” (OEA, 1985, BERG, 2011; SILVA, M., 1999; FRAGOSO, 2002; NEVES, 2011). E o profissional, de agente educador, agente escolar, agente pedagógico, agente de aprendizagem, agente educacional, agente cultural, papel de mediador, agente de informação (CYSNE, 1993; SILVA, M., 1999; SALES, 2005; CAMPELLO, 2003; 2009; DUDZIAK, 2003); além de competências e habilidades para o ensino e a aprendizagem, por “*information literacy*”, termo amplamente traduzido como: alfabetização informacional, competência informacional, letramento informacional (CAREGNATO, 2000; CAMPELLO, 2002, 2003; DUDZIAK, 2003) para contribuir com a formação do educando.

Historicamente é possível pontuar que nas décadas de 60 e 70 a biblioteca escolar tinha uma característica passiva diante da escola e da própria educação. Porém, nas décadas seguintes ela redimensiona sua autonomia, enquanto espaço pró-ativo, o fato que contribuiu para intensificar o seu conceito e a sua função para o acesso e uso de informações. Neste aspecto deverá adiantar-se, para suprir suas demandas, além de propor interação que envolva toda a comunidade escolar e os professores.

Investigando vários autores das décadas de 60 e 70 que problematizaram questões acerca da biblioteca escolar, constatou-se a sua definição enquanto estrutura de apoio ou instituição auxiliar para as atividades e ações pedagógicas de professores e alunos. Nesse estudo a respeito do currículo, escola e pesquisa, com o conceito de tríade da escolarização (ESTABEL; MORO; NEVES, 2008) ainda, as autoras descrevem que no período entre 80 e 90 outros autores (HERRING, 1988; MILANESI, 1986; MORALES CAMPOS, 1996; SILVA, 1994; 1999) contribuíram para a mudança na forma de conceber a biblioteca escolar, a partir de concepções distintas, tais como, “serviço de informação educativa”, vista por alguns autores como “centro de multimeios”, enquanto para outros como um “órgão de base de todas as atividades desenvolvidas pela escola.” (ESTABEL; MORO; NEVES, 2008, p. 4).

Tais pesquisas descrevem que além de mudanças no conceito, em relação às bibliotecas escolares, ainda não existia clareza a respeito de seus objetivos e funções, pois:

A explicitação dos objetivos e funções da biblioteca escolar, na literatura pesquisada, também é extensa e variada, em relação ao significado e abrangência de ambos os termos. Pode ser destacado que a comparação levou, em alguns casos, à verificação de que não há uma delimitação muito clara entre objetivos e funções. Isto pode ser atribuído ao fato de que alguns autores identificaram como objetivos aquilo que outros denominaram funções. (ESTABEL; MORO; NEVES, 2008, p.4, grifo nosso).

Embora exista um conjunto de dificuldades em relação às bibliotecas escolares, Estabel e Moro (2011) salientam a contribuição no Rio Grande do Sul de bibliotecários e professores:

As fontes que registram o percurso das bibliotecas escolares a tendência dos autores descreverem as deficiências, os problemas, as mazelas como características inerentes a elas. Estas mesmas dificuldades se apresentam também em outros tipos de bibliotecas como as públicas, as comunitárias, as universitárias, entre outras. No entanto, a trajetória das bibliotecas das escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul é permeada de muita garra, paixão, dedicação, tenacidade e coragem marcada pelos bibliotecários e professores nas bibliotecas das escolas do Sistema de Ensino gaúcho. (ESTABEL; MORO, 2011, p.15).

Uma análise minuciosa das iniciativas institucionais, materializada em mais documentos, também traz indícios acerca da realidade e papéis desse espaço pedagógico.

Um desses indícios pode ser evidenciado através da análise de documentos produzidos pela Organização dos Estados Americanos (OEA, 1985; CFB/CRB, 2011), órgão que postula os elementos essenciais para a biblioteca escolar. Enquanto modelo ideal ela deve servir de apoio ao processo educativo de acordo com a missão e objetivos da instituição a qual está subordinada; além de contribuir na promoção de experiências criativas em razão do uso de seu aporte informacional.

Outro indício, neste caso, como espaço informacional e de processo pedagógico, pelo Manifesto para a Biblioteca Escolar da Federação Internacional de Associações de bibliotecários e bibliotecas IFLA, conjuntamente com a UNESCO (2000), a respeito da biblioteca escolar para o ensino e a aprendizagem, ao propiciar informações para o processo educativo o que “[...] habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.” (MANIFESTO IFLA/UNESCO, 2000, p.1). Pelo exposto fica evidente que a biblioteca tem como missão proporcionar aos educandos a informação por ele requerida da melhor maneira possível, ao visar atender suas necessidades ao mesmo tempo em que atende aos objetivos da instituição que a mantém.

Sobre a função e o papel da biblioteca escolar, o manifesto os coloca como parte integrante do processo educativo, além do desenvolvimento da literacia/competência, por meio da leitura, escrita e uso da informação para o ensino e aprendizagem; ou seja, “[...] apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola.” Pela análise interpretativa vista por meio do Manifesto da IFLA/UNESCO (2000) pode-se salientar que a Biblioteca Escolar é promotora de serviços que permite aos indivíduos viabilizar a tomada de consciência, o trabalho em conjunto, o apoio à missão e objetivos ao defini-la no currículo escolar, a perspectiva tradicional como desenvolvedora do hábito de leitura, enquanto espaço de vivências. Além destas interpretações, as justificativas sobre a Biblioteca Escolar de apoiar, prover acessos, organizar atividades, proclamar que o conceito de liberdade intelectual e de acesso a informação são pontos fundamentais da cidadania e da democracia, além de promover a leitura, recursos e serviços por meio dos espaços.

Desta forma coloca-se para fins deste estudo as definições, pela expressão de complemento, em seguida pela expressão instrumento.

2.1.1 Biblioteca Escolar: instrumento e, ou complemento

Continua-se nessa subseção as proposições teóricas institucionais, busca se antes as definições, primeiro pela expressão complemento, segundo pela expressão instrumento. Desta maneira inicia-se pela definição lexical onde, complemento significa “[...] **O que complementa, ou completa.**” Por Ferreira, Anjos e Ferreira (2001, p.168, grifo nosso). Segue a definição dos mesmos autores, em que instrumento significa “[...] **considerado em sua função ou utilidade. Recursos para alcançar um objetivo; meio.**” (FERREIRA; ANJOS; FERREIRA, 2001, p.393, grifo nosso).

É importante esclarecer, para fins de interpretação, que além das definições lexicais buscou-se conceber a Biblioteca Escolar como um instrumento, ao perceber a biblioteca na sua função educativa: quando ultrapassar o espaço físico da escola, ou da sala de aula. Em suma, para a instituição governo/ educação/escola a biblioteca escolar deve ser concebida pelas políticas públicas, desde complemento da escola, mas naquilo que completa, porém, também instrumentalizada, pela função e papel educativo/pedagógico para atender as demandas exigentes das escolas de forma efetiva. Nessas interpretações se entende a ambivalência da Biblioteca Escolar por ser um ambiente instituído e, igualmente, um instrumento que deve necessariamente ultrapassar esse ambiente.

Parte desse trabalho baseia-se na interpretação dos quadros a seguir.

Quadro 1 – Manifesto IFLA/UNESCO – Biblioteca Escolar

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento ou Complemento	Interpretações	Justificativa
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Complemento	Promotora de serviços, porém permitindo que os indivíduos possam viabilizar processos de tomada de consciência.	A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar , oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.1, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	O trabalho em conjunto pode ser um instrumento para alcançar a missão e os objetivos da escola.	trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Apoiadora dos objetivos e missão educacional ao defini-la no currículo escolar.	apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Complemento	Numa perspectiva tradicional desenvolve o hábito da leitura.	desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem , bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Complemento	Ao oferecer e oportunizar apresenta-se como espaço para vivências.	oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Apoiar na aprendizagem, além de práticas de habilidades para avaliação e utilização da informação, independente da natureza e suportes, o que inclui a sensibilidade ao se adequar no uso as formas que comunicam com a comunidade.	apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar informação, em suas variadas formas, suportes ou meios , incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Ao prover acessos, extrapola a própria territorialidade.	Prover o acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Organiza-se e igualmente sensibiliza-se para a conscientização sobre questões culturais e sociais.	organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade . (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Proclama a liberdade intelectual e o acesso à informações essenciais a construção cidadã e o exercício democrático.	proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia . (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).
Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar	Percebe-se como Instrumento	Promotora da leitura disponibiliza recursos e serviços por meio de seu espaço.	promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor. (MANIFESTO DA UNESCO, 2000, p.2, grifo nosso).

Fonte: dados da pesquisa da autora

As justificativas salientadas nos documentos de diferentes órgãos internacionais Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como pode ser visualizado em quadro 1 (p.20), Organização dos Estados Americanos (OEA) em quadro 2 (p.22) e, quadro 3 (p.24), por meio desse estudo, embora mostrem avanços à Biblioteca Escolar, em relação à concepção, ainda percebe-se o quanto falta avançar a respeito da sua função e papel educativo, numa perspectiva que extrapole o seu espaço, meramente territorial, ao apresentar-se enquanto instrumento educacional, ou complemento educacional, porém excluída do processo educacional por meio de seus currículos.

Sobre as ausências das bibliotecas escolares percebidas nesses documentos nos encontros internacionais sobre Educação destaca-se o registro pelo Documento Nacional Preparatório a Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos - VI CONFITEA. Sobre a Biblioteca [Escolar] e a Educação os indicadores pelo Censo Escolar apontam primeiro às escolas com EJA com biblioteca, porém, quantas destas escolas têm equipamentos [computador], não se refere à realidade da existência, ou à ausência da biblioteca (BRASIL, 2009, p. 18). Igualmente nas recomendações aos Sistemas de Ensino Estaduais e Municipais (BRASIL, 2009, p. 52), quanto às políticas públicas, a biblioteca é mencionada como um complemento da escola:

Garantir condições de infraestrutura para o funcionamento da EJA, tais como biblioteca, laboratório de informática, quadras esportivas, adequando os espaços para pessoas portadoras de necessidades especiais e recursos para a instalação de laboratórios de modo a favorecer a comunicação e o diálogo entre diversos campos de conhecimento. (BRASIL, 2009, p. 52).

Como pode ser observado posteriormente nos quadros seguintes. Tais documentos explicitam concepções bastante específicas quanto ao papel da biblioteca escolar e ações voltadas às bibliotecas escolares para a educação de jovens e adultos. Isso implica em diferentes níveis de repercussões neste estudo, por isso, abordaremos questões relacionadas às implicações de tais ações desde a tomada de decisões pelos gestores escolares, e a função pedagógica que essas ações cumprem para a educação de um público com características singulares.

Em razão dessas questões os tópicos a seguir tratam da função da biblioteca escolar.

2.2 Função da Biblioteca Escolar: a que se dedica a Biblioteca

Tratou-se anteriormente das muitas proposições teórico-institucionais em relação a educação e a biblioteca escolar, destacando por fim elementos mostrados a partir de documentos que engendram diretrizes políticas. Nessa parte do estudo se quer conceber na função educativa da biblioteca escolar e a que se dedica.

Pode-se observar uma nova perspectiva que propõe que a biblioteca escolar se constitua em agente educacional, para o ensino e a aprendizagem e, principalmente seja assim compreendida pelos diretores de maneira que estas cumpram sua função na formação do educando, por exemplo, o Projeto Mobilizador, documento elaborado pelo Sistema CFB/CRB (2011), a biblioteca escolar se apresenta inserida no projeto de ensino e para a aprendizagem, ou as normativas da Organização dos Estados Americanos (OEA) para competência de atuação.

Que pode ser mais bem observado, ou visualizado a seguir no quadro 2 (p. 22):

Quadro 2 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função da biblioteca escolar

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento/Complemento	Interpretações	Justificativa
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Complemento	Incentivar, criar e dar gosto e hábito de leitura.	uma ação em prol da leitura , do incentivo à criação do gosto e hábito de ler. (OEA, 1985; CFB/CRB, 2011, p.6, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento	Melhorar o desempenho do papel social pela pesquisa e por meio de sua intelectualidade.	pesquisa escolar e ao trabalho intelectual que proporcionarão ao educando meios para melhor desempenhar seus papéis sociais . (OEA, 1985; CFB/CRB, 2011, p.6, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento e Complemento	Favorecer por meio de ação cultural ao visar o entendimento do cidadão em seu espaço, sobretudo se atuar no contexto do projeto político-pedagógico.	ação cultural com vistas a favorecer o entendimento da identidade do cidadão no espaço onde vive . Ademais, a OEA destaca que compete a biblioteca escolar não somente lidar com as demandas do aluno, mas, sobretudo, atuar no contexto do projeto político-pedagógico da escola através do trabalho conjunto com o professor e a gestão escolar. (OEA, 1985; CFB/CRB, 2011, p.6, grifo nosso).

Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento	Participa de maneira direta do programa de educação para o sujeito redescobrir e ampliar seus conhecimentos, desenvolver aptidões de pesquisa e, também, meios de comunicação e garantir o aprender total. É um instrumento do desenvolvimento do currículo,..., constituir-se um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente.	participação direta em todos os aspectos do programa de educação [...] onde os educadores, estudantes e usuários em geral podem redescobrir e ampliar seus conhecimentos , desenvolver pesquisas, desenvolver aptidões para leitura, para opinar, para avaliar, assim como desenvolver meios de comunicação [...] com o objetivo de assegurar uma aprendizagem total. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e da formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para aprendizagem permanente ; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece informação necessária para tomada de decisão na aula. (OEA, 1985, p.21-22; CFB/CRB, 2011, p.6, grifo nosso).
--	-----------------------------	--	---

Fonte: dados da pesquisa da autora

Segundo esta perspectiva sobre a Biblioteca escolar evidenciada pela OEA (1985), o que na percepção do projeto mobilizador faz com que ela, seja dotada de função educativa em suas relações de ação, atuação e participação. Visto anteriormente no Quadro 2.

Teoricamente, por meio das instituições acadêmicas são percebidas na sua função educativa, porém no que diz respeito à política da maioria das escolas e bibliotecas escolares brasileiras, ainda consta a expectativa de que se concretize nesses oito anos, o reconhecimento, agora em forma de Lei. 12.244/10, à Educação brasileira² da efetiva presença das bibliotecas escolares para exercer o seu papel e a sua função educativa.

Além do exposto o projeto Mobilizador trouxe justificativas amparadas em pesquisas, estatísticas e *rankings*. pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a educação em evidência no século XXI. O que possibilita ver a biblioteca escolar na perspectiva de uma rede de informação para o ensino-aprendizagem ao possuir função pedagógica inserida nas diretrizes curriculares da educação básica. Visualiza-se estas percepções a seguir no Quadro 3.

² No dia 25 de maio de 2010 foi publicada no Diário Oficial da União a Lei nº. 12.244/10, que prevê a universalização das bibliotecas no País. De acordo com a referida norma, todas as escolas públicas e privadas deverão ter, em até dez anos, bibliotecas com pelo menos um livro por aluno matriculado. A organização, a manutenção e o funcionamento dos acervos deverão ser feitos pela instituição.

Quadro 3 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função da biblioteca escolar

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento/Complemento	Interpretações	Justificativa
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento	Possuir função pedagógica, a qual relaciona-se para a ação, pesquisa e ação cultural.	[...] exposta pelo organismo internacional, a biblioteca escolar possui uma função pedagógica relacionada à: ação, pesquisa; ação cultural Ademais, a OEA destaca que compete a biblioteca escolar não somente lidar com as demandas do aluno, mas, sobretudo, atuar no contexto do projeto político-pedagógico da escola através do trabalho conjunto com o professor e a gestão escolar . (OEA, 1985; PROMOBIFINAL CFB/CRB, 2011, p. 6, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Complemento	Inserir-se nas diretrizes curriculares da Educação básica, porém como apoio.	“[...] neste sentido, em âmbito nacional, tal concepção está inserida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica . Resolução CNE/CEB nº2, de 7 de abril de 1998.”(PROJETO MOBILIZADOR CFB/CRB, 2011, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento e Complemento	Exigir a efetividade para o papel da biblioteca, neste caso educativo, da mesma forma o fazer da escola por meio de suas diretrizes, na natureza da função em espaço constituído.	[...] Cotejando o exposto anteriormente quanto à perspectiva de trabalho exigida para a execução de um efetivo projeto de ensino aprendizagem com o papel da biblioteca na escola bem como o fazer desta escola descrito na concepção de suas diretrizes, é fato que a natureza da função da biblioteca escolar é ser um espaço constituído para, uma vez assimilado pelo aluno, professor e demais entes que constituem os atores do ambiente escolar, possibilitar a interação com os processos de conhecimento de modo a contribuir para uma formação satisfatória do indivíduo, favorecendo o aprender a aprender, ou seja, corroborando para a aquisição da habilidade de aprender.. (PROJETO MOBILIZADOR CFB/CRB, 2011, p. 6-7, grifo nosso).

Fonte: dados da pesquisa da autora

Pelo exposto em destaque anterior sobre a função da Biblioteca Escolar (quadro 3), para o CFB/CRB (2011) no projeto Mobilizador segundo a interpretação aqui feita, ela se apresenta, mais vezes, à educação como um instrumento pedagógico, do que, como um complemento pedagógico.

Destaca-se aqui sua importância “[...] **o papel e a função da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem são incontestáveis, sendo premente sua existência no contexto educacional.**” (PROJETO MOBILIZADOR

CFB/CRB, 2011, p.11, grifo nosso). A proposta do projeto Mobilizador configura-se sob as perspectivas, social, profissional, educacional e filosófica, conforme quadro 4.

Quadro 4 – Projeto Mobilizador CFB/CRB: função e papel da biblioteca escolar

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento/Complemento	Interpretações	Justificativa
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento	Contemplar a sociedade e atender o social.	<i>Social</i> – porque contempla, prioritariamente, a sociedade como público-alvo beneficiário . (CFB/CRB, 2011, p.10, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento e complemento	Exigir qualificação profissional, tanto para atender, quanto para a operar o sistema.	<i>Profissional</i> – tendo em vista que irá exigir a melhoria na qualidade do perfil do bibliotecário envolvido, tanto no atendimento ao público , quanto na operacionalização do sistema. (CFB/CRB, 2011, p.10, grifo nosso).
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Complemento	Papel de assumir como complemento a sala de aula, na descoberta e para consolidar o conhecimento.	<i>Educacional</i> – uma vez que diante da fragilidade, em termos legais e operacionais, da biblioteca escolar na Rede Pública de Ensino, e do importante papel que ela assume como complemento à sala de aula, na descoberta e na consolidação do conhecimento , é preciso que ela se fortaleça, inserindo-se em um contexto maior fazendo emergir deste cenário a necessidade da constituição de um sistema estruturado e dotado de permanência. (CFB/CRB, 2011, p.10, grifo nosso)..
Projeto Mobilizador CFB/CRB Biblioteca Rede de Informação para o ensino Público	Percebe-se como Instrumento e Complemento	Convicta em considerar o conhecimento acumulado e registrado pelo ser humano ser condição de refletir e avançar nos mais diversos níveis.	<i>Filosófico</i> – motivado pela convicção de que a biblioteca escolar não pode ficar na dependência de uma legislação inconsistente ou ser levada com pouca seriedade no que tange a sua implementação, mas, ao contrário, seja sua situação inequívoca e leve em consideração que o conhecimento acumulado e registrado pelo ser humano ao longo do tempo é condição para a reflexão e o avanços nos mais diversos níveis ; leitura e pesquisa, movidas até pela simples curiosidade, levam o usuário do acervo e da informação a dar um passo à frente. (CFB/CRB, 2011, p.10-11, grifo nosso).

Fonte: dados da pesquisa da autora

Outras contribuições teóricas sobre a função educativa da biblioteca escolar em âmbito nacional (Brasil) e o papel a ser por este desempenhado são analisadas por Campello (2003; 2011). Ainda sobre a função educativa e papel educativo da biblioteca escolar Campello (2003) e Garcez (2009) e colocam que “sua função educativa (a leitura, a pesquisa escolar e a cultura), revela características que devem ser analisadas a fim de fazer avançar as ações necessárias para o

aperfeiçoamento dessas instituições, especificamente de seu papel pedagógico.” (CAMPELLO, 2003, p. 21).

Conforme os autores, no aspecto relacionado à leitura são possíveis ações pedagógicas efetivas e que devem ser compreendidas pelas inúmeras dimensões enquanto instrumentos para estas ações. Já no que se refere ao aspecto pesquisa escolar, a biblioteca escolar no entendimento de espaço ideal, sobre a ação cultural, naquele período, desde a década de 80, já diziam em suas perspectivas teóricas que deveria tornar-se espaço de criação cultural (CABRAL, 1989, 1999; CAMPELLO, 2002, 2003; FLUSSER, 1982, 1983). Sobre a função das bibliotecas escolares (CAMPELLO, 2003, 2011) por meio de estudos qualitativos com influência em dois campos do conhecimento: na Biblioteconomia e na Educação, a autora acredita que os profissionais bibliotecários “[...] tem contribuições específicas para dar à sociedade” ao pensar a biblioteca de forma ampla para construção social, porém ainda dependente, “[...] em função do valor que a sociedade tem historicamente atribuído à aprendizagem, ao conhecimento e à preservação das mensagens reunidas pelos que nos precederam.” Maylone (1998, p.600-601 *apud* CAMPELLO, 2011, p. 94).

Na sua tese Campello (2009) já trazia importantes observações sobre a educação brasileira sobre o processo aprendizagem para o letramento informacional no Brasil:

Observando-se o panorama educacional brasileiro, verifica-se que são poucas as bibliotecas escolares que têm qualidade para influenciar, de forma significativa, o processo de aprendizagem.

Em sua maioria, a biblioteca escolar é um espaço pouco representativo na instituição escolar. Deixando de lado a falta crônica de recursos para criação e manutenção das bibliotecas, já suficientemente explorada pela literatura da área, nela pode-se perceber poucas evidências de embasamento conceitual, ou seja, de reflexão sistemática que sustente a prática pedagógica do bibliotecário. (CAMPELLO, 2009, p.2, grifo nosso).

Mesmo que no “panorama educacional” observado por Campello (2009) conte-se com poucas bibliotecas, se percebe que urge o embasamento conceitual, tanto quanto a ação educativa, pois segundo a autora é preciso se precaver com a

natureza neutra dentro do discurso do letramento informacional³, posto no âmbito dos países adiantados, ou seja, as questões devem ser concretizadas em termos de realidade brasileira. (CAMPELLO, 2009, p.175).

De acordo com Castro Filho e Pacagnella (2011) “[...] a biblioteca está inserida no processo educacional.” O que leva reforçar a função educacional da biblioteca escolar e o seu papel educativo “[...] **onde o aluno é capaz de adquirir informações** desejadas e de ampliar seus horizontes, tanto no sentido de enriquecimento cultural e do propósito pessoal.” (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p.98-99, grifo nosso).

E o que torna seu papel em seu campo ao apresentar mais de um aspecto ou valor em sua função educacional e cultural de acordo com Neves (2011) é que “[...] **desde sua gênese caracteriza-se pela ambivalência de seu papel. Ela cumpre, ao mesmo tempo, função educacional e cultural, no âmbito de outra instituição também ambivalente, a Escola.**” (NEVES, 2011, p.38, grifo nosso).

Sendo que para Rodrigues (1990, *apud* NEVES, 2011, p. 38) destacam-se os “[...] aspectos conceituais ao caracterizar o espaço de atuação da biblioteca escolar do sentido ação cultural e comunicacional, [...] em seu espaço no campo social e no campo dos meios”. O que conforme a autora refere-se às relações com a comunicação e a cultura que caracterizam o espaço de atuação da biblioteca escolar. Neste sentido:

Delimitar o espaço de atuação da Biblioteca Escolar implica em estabelecer um conceito ou identificar uma forma de representação deste espaço, à luz das idéias de diferentes segmentos sociais: dirigentes (políticos, administrativos pedagogos), usuários e a própria equipe que nela atua. (NEVES, 2011, p. 38).

Por outro lado tal delimitação implica em assumir o seu papel enquanto formadora. Além deste papel, assumir o papel no processo educacional o que, segundo Chagas (2011) é “[...] retomar o compromisso com a educação pública para

³ A trajetória relativamente estável da classe bibliotecária norte-americana em direção à consolidação de seu papel educativo foi sustentada por um conjunto de diretrizes emanadas do movimento associativo naquele país. Desde a década de 1940, a American Library Association (ALA) vem propondo padrões para bibliotecas escolares e a última versão desses padrões diz respeito especificamente ao letramento informacional. Com o título de Information Powerbuilding partnerships for learning, o documento enfatiza a função educativa do bibliotecário e propõe uma série de habilidades que o aluno deverá dominar para ser competente no uso da informação. (CAMPELLO, 2009, p.36).

a promoção de mudanças nas relações de precariedade social e estímulo à formação de indivíduos autônomos e cientes da sua condição de sujeito de direito.” Para a autora, atuar no ensino e aprendizagem bem como fornecer informações adequando-se às necessidades para quem faz uso “[...] seu papel é o de atuar no desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem, fornecendo informações atualizadas e adequadas às necessidades dos alunos, professores, funcionários e comunidade que dela fazem uso.” (CHAGAS, 2011, p. 52-53).

Por estas reflexões é que se pretende perceber a biblioteca escolar como partícipe fundamental para a educação. Para tanto, se sabe que ambas estão interligadas com vistas a um objetivo maior: a educação em seu sentido mais amplo para o acesso, a busca o uso da informação. Em seu objetivo mais específico, volta-se para o conhecimento e à aprendizagem dos indivíduos ao visar cumprir o papel educativo, por exemplo, na “[...] função de aprendizagem em desenvolver as habilidades dos alunos desde o início da escolarização proposto em um programa de atividades na escola básica.” (CAMPELLO *et. al.*, 2006; KUHLTHAU, 2006).

2.3 Biblioteca Escolar e seu papel Educativo

Na subseção anterior buscou-se a perspectiva teórica para compreender a função da biblioteca escolar, e ao que ela se dedica. Já nesse momento as reflexões versam sobre a biblioteca escolar e seu papel educativo para a educação, principalmente à educação de jovens e adultos. Primeiro se apresenta um breve histórico sobre a educação de jovens e adultos pelas conferências (CONFITEA) internacionais, seguindo para as perspectivas nacionais contextualizando as escolas brasileiras e finalmente retomando a partir dessa contextualização geral a educação de jovens e adultos, as escolas brasileiras e o papel educativo da biblioteca escolar.

Inicia-se, primeiramente, pelos encontros de âmbito internacional a respeito da educação de jovens e adultos e, nesse caso, pela sexta conferência internacional sobre educação de Jovens e Adultos (CONFITEA, VI); o evento tem como foco a princípio a alfabetização como base para a aprendizagem ao longo da vida. Realizado no Brasil em 2009 considera-se, o encontro como avanço na educação de jovens e adultos e seus compromissos “O Marco de Ação de Belém (UNESCO, 2010), além de parte irrefutável do direito à educação, também, parte integrante de uma sociedade do conhecimento.” O que reafirma os quatro pilares da

aprendizagem da Educação para o Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver com os outros.

Nos encontros das áreas do conhecimento (BRASIL, 2009), há o registro pelo Documento Nacional Preparatório a Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos - VI CONFITEA. Neste documento, também, se buscou perceber, o desenvolvimento e manutenções das EJA, já que os indicadores demonstraram que, apenas 27% das escolas que possuíam matrículas em EJA, contavam com biblioteca. (BRASIL, 2009, p.99).

No contexto das escolas brasileiras, a Biblioteca Escolar, na perspectiva de um instrumento para a educação, abstém-se de sua função educativa ao não cumprir seu papel fundamental que é contribuir com a formação de sujeitos autônomos, segundo Garcez (2011):

Cerca de 75% das escolas brasileiras não conta com biblioteca para atingir seu papel de formadora de sujeitos. Dos 25% das escolas que possuem bibliotecas, apenas 1,4% possui bibliotecário. (BRASIL, 2005). E mais, independentemente de ter ou não bibliotecário, o acervo, a equipe e o espaço físico dessas poucas bibliotecas não condizem **com as demandas e com o potencial de uso que poderiam vir a ter.** (GARCEZ, 2011, p.59, grifo nosso).

Ou seja, contava-se em 2005 com estes dados já alarmantes, além das demandas e do que potencialmente deveriam ser as bibliotecas das escolas Brasileiras. Embora o profissional da área [Bibliotecário] esteja ainda fora da maioria das bibliotecas brasileiras ele tem, igualmente, um papel social e educativo, seja ele o agente educador, agente escolar, agente pedagógico, agente de aprendizagem, agente educacional, agente cultural, papel de mediador, agente de informação. Todos descritos, anteriormente, na subseção 2.1.

Por conseguinte, e de acordo com Castro Filho e Pacagnella (2011) o papel educativo da Biblioteca Escolar é prioridade para o aprendizado, e para o processo educacional e para o acesso e uso da informação. Desta forma o papel educativo é desempenhado pela Biblioteca Escolar, por exemplo:

O papel educativo desempenhado pela biblioteca escolar, quanto à educação, consiste na prioridade ao aprendizado, no processo de desenvolvimento educacional e na disponibilização e utilização da informação, como um todo e para todos os seus usuários. (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p. 97, grifo nosso).

Porém para Castro Filho e Pacagnella (2011), “[...] os professores e autoridades, na área da educação, desconhecem ou desconsideram o papel de uma biblioteca pública escolar.” (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p.99).

Existem na literatura muitos conceitos sobre Biblioteca Escolar, porém, para Campello (2011) na visão da escola nova sobre a *prática de letramento em bibliotecas brasileiras*:

Acreditamos que haja uma forma de aprender que pode beneficiar-se do processo de busca e uso de informação que ocorre em ambiente de abundância informacional, representado por uma boa biblioteca. Essa visão na biblioteca, (não como espaço físico, mas como oportunidade para a conexão de ideias, que propicia aprendizagem significativa). (CAMPELLO, 2011, p.15, grifo nosso).

Desta maneira, a relação entre biblioteca e escola foi além do seu espaço físico ao preparar os indivíduos para sua realidade social, pois de acordo com NEVES (2011) “[...] **a tentativa de identificar**, ao longo da história da educação escolar Ocidental, **o momento em que a Escola passa a considerar a existência e o uso da Biblioteca.**” O que de acordo com a autora já é uma realidade internacional, além de trazer benefícios por meio de recursos e serviços prestados a educação “[...] **são inequívocos, pois contribuem para a preparação do indivíduo.**” Pois, desta forma para Neves (2011) “[...] compreendendo a realidade social, econômica, política, cultural em que vive, local ou globalmente, e, ao mesmo tempo, estimulá-lo à participação efetiva no processo de mudança dessa realidade.” (NEVES, 2011, p.31, grifo nosso).

Em âmbito educacional o Documento por um Plano Nacional de Educação como Política de Estado. a Associação Nacional de Pesquisa em Educação – ANPED (2010), trás “[...] propostas de emendas ao Anexo nas Metas e Estratégias da Lei nº. 8.035/2010.” com a seguinte justificativa “[...] O PNE como política de Estado deve assegurar concepções e, nessa ótica, não deve se restringir a programas em andamento.” (ANPED, 2009, p.28). Também faz proposição para que as bibliotecas sejam concebidas por meio das políticas públicas “[...] Institucionalizar e manter, em regime de colaboração,..., políticas programas nacionais de ampliação e reestruturação das escolas públicas.” (ANPED, 2009, p. 41), nessas propostas da entidade, o qual se apresenta pelas **Metas 6 e 7** (ANPED, 2009, p. 40-113, grifo

nosso). Mostra-se nessa subseção do estudo as proposições descritas anteriormente pela ANPED que visam assegurar a todas as escolas públicas de ensino básico às bibliotecas públicas, visto a seguir no quadro 5.

Quadro 5 – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação ANPED/PNE

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento/Complemento	Interpretações	Justificativa
Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação ANPED/PNE	Percebe-se como Complemento	A importância da integralidade pela meta 6 do PNE é usar de estratégias educação integral, local.	“[...] Meta 6 do PNE em: Oferecer educação em tempo integral em 50% das escolas públicas de educação básica. Especificamente em “Estratégias” (2011, p.107, grifo nosso).
ANPED/PNE	Percebe-se como Complemento	Redimensionar a escola pública por meio de instalações.	[...] 6.2 Institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, bibliotecas , auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos,..., (ANPED/PNE, 2010, p.41, grifo nosso).
ANPED/PNE	Percebe-se como Complemento	Articula a escola com espaços educativos e equipamentos.	[...] 6.3 Fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos e equipamentos públicos como centros comunitários, bibliotecas , praças, parques, museus, teatros e cinema. (ANPED/PNE, 2010, p.107, grifo nosso).
ANPED/PNE	Percebe-se como Complemento	Assegura as escolas públicas de educação básica acesso a biblioteca.	[...] 7.19 Assegurar, a todas as escolas públicas de educação básica , água tratada e saneamento básico; energia elétrica; acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade; acessibilidade à pessoa com deficiência; acesso a bibliotecas ,..., (ANPED/PNE, 2010, p.110, grifo nosso).

Fonte: dados da pesquisa da autora.

Ou seja, algumas entidades, também veem as bibliotecas escolares, enquanto complemento da escola, no entanto, pelas mesmas propostas de políticas públicas as bibliotecas escolares no ensino básico, podem ser um instrumento de ação com práticas educativas e processos de aprendizagens, dessa maneira, educativo e colaborativo, além das proposições teóricas de âmbito acadêmico.

Já pela instituição governamental, a ação de políticas de investimento educacional, pelo Plano Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE, 2011) esclarece que mais de vinte milhões de estudantes foram beneficiados o que, igualmente, se apresenta pelas intenções em períodos anteriores de 1998-2011, porém, também se percebe nesses planos que a biblioteca continua como complemento da escola. Diz se isso em relação ao recebimento dos livros distribuídos pelos Planos Nacionais de

Bibliotecas Escolares (PNBE), e como a biblioteca é percebida em instituição governamental. O que se mostra a seguir no quadro 6.

Quadro 6 – Plano Nacional de Bibliotecas Escolares PNBE

Fonte	Biblioteca Escolar Instrumento/Complemento	Interpretações	Justificativa
Ministério da Educação MEC PNBE 1998	Percebe-se como Complemento	Programa de Leitura que distribui acervos.	Desde 1998, o Governo Federal vem distribuindo acervos, obras, coleções de livros de literatura e obras de referência , tanto para estudantes quanto para professores. (MEC/PNBE, 2008, p.16, grifo nosso).
Ministério da Educação MEC PNBE 2003	Percebe-se como Complemento	Programas de leitura por meio de literatura.	Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2003 - Literatura em minha Casa – 4ª e 8ª séries e Palavra da Gente – EJA . (MEC/PNBE, 2008, p.15, grifo nosso).
Ministério da Educação MEC PNBE 2004	Percebe-se como Complemento	Programa de distribuição de acervo.	No ano de 2004, inclusive, foram distribuídos acervos para 3659 municípios, com o objetivo de ampliar a atenção às comunidades. (MEC/PNBE, 2008, p.16, grifo nosso).
UNESCO MEC/SEB PNBE 2005	Percebe-se como Complemento	Pesquisa de impacto de distribuição dos acervos para práticas de leitura.	a Secretaria de Educação Básica (SEB) realizou, em 2005, uma série de seminários regionais, onde foram discutidas com representantes dos sistemas públicos de ensino as idéias e conceitos que norteariam essa política. Paralelamente, foi realizada a pesquisa em questão sobre o impacto da distribuição dos acervos do PNBE nas práticas de incentivo à leituras desenvolvidas nas escolas brasileiras. (MEC/PNBE, 2008, p.11, grifo nosso).
UNESCO MEC/SEB PNBE 2006	Percebe-se como Complemento	Avaliação que faz diagnóstico de programas de leitura com políticas de leituras	A avaliação diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) , realizada no quarto trimestre de 2005, cujo relatório foi concluído em março de 2006, foi proposta pela Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Unesco, financiadora formal da pesquisa. (PEREIRA, 2006, grifo nosso).

Fonte: dados da pesquisa da autora.

Nesse sentido, a biblioteca escolar é concebida como um complemento, como um espaço físico. Embora para as instituições governamentais as bibliotecas sejam percebidas como complemento, porém esse ambiente na maioria das vezes não

contemple sua plenitude. Urge então concebê-las, enquanto instrumento ao considerar a sua função e papel educativo.

No entanto, na pesquisa realizada por Penedo (2008), o uso efetivo da biblioteca na escola se dá na oferta de serviços e produtos de informação que atendam as necessidades do público escolar. Sobre serviços e produtos informacionais complementa ainda que “[...] um acervo disponibilizado pelo poder público não garante, nem aos alunos e nem aos professores que estes se constituem em competências informacionais.” Para a autora, por inúmeras vezes, o material disponível para a aquisição não reflete no projeto pedagógico da escola para que as bibliotecas escolares possam cumprir seu papel pedagógico.

Reforça nesse trabalho que a biblioteca escolar pode ser mais que um complemento à sala de aula ao conceber o conhecimento que encerra nesse espaço. Mas a quem interessa que a biblioteca escolar ultrapasse a leitura?

2.3.1 Biblioteca Escolar e Currículo: pontos convergentes

Retoma-se aqui que a biblioteca escolar deve transpor os limites da sala de aula ao tornar-se mais que um complemento por conceber e ampliar o conhecimento traduzido naquele ambiente. Desta maneira, nessa parte do estudo se quer mostrar a biblioteca escolar e seus pontos convergentes em relação ao currículo escolar.

Neste sentido, é imprescindível relacionar os conceitos e as teorizações sobre a construção histórica a respeito do currículo. Sobre o surgimento do termo currículo, Silva (1999) coloca que “[...] o termo *curriculum*, no sentido que hoje lhe damos, só passou a ser utilizada em países europeus como França, Alemanha, Espanha, Portugal muito recentemente, pela influência da literatura educacional americana.” (SILVA, 1999, p. 21).

Neste contexto de conceitos a respeito de teorias sobre o currículo, inicia-se com as teorias de Althusser (1983 *apud* SILVA, 1999, p.31) em que “[...] a ideologia é constituída por aquelas crenças que nos levam a aceitar as estruturas sociais (Capitalistas) existentes como boas e desejáveis.” Segundo esta teoria a escola atua de forma direta e ideologicamente através de seu currículo por meio de matérias e, indiretamente, por meio de suas disciplinas.

Porém para Bowies e Gintis (1981 *apud* SILVA, 1999) o currículo e a escola visavam formar para atender o mercado de trabalho, ou seja, tratava-se de um

processo bidirecional, no qual a aprendizagem, pela vivência e pelas relações sociais por meio da escola, seria para repercutir na formação e nas atitudes com o objetivo de atender o mercado de trabalho, voltando-se às premissas do capital. Sobre teorias e conceitos a respeito do currículo, Silva (1999), buscou na literatura autores como Apple (1989) que faz críticas às teorias tradicionais do currículo e o papel ideológico do currículo. Por conseguinte, coloca o autor que há relação estrutural entre economia e educação, entre economia e cultura, introduzidas por autores como Bernstein (1996), que analisou o currículo pormenorizando-o naquilo que transmite e ao focar mais na forma como é transmitido e, em Bourdieu e Passeron (1970), sobre os vínculos entre reprodução cultural e reprodução social. Para Silva (1999, p.45) existe conexão na forma que a economia se constrói com a forma de organização do currículo. Já as concepções teóricas de Apple se centralizam na crítica ao currículo, aproximando este da política ao mencionar relações entre currículo e o poder que, segundo Silva (1999) nas perspectivas de Apple (1982; 1986; 1989):

O currículo não pode ser compreendido e transformado sem conexões com suas relações de poder, sem questionar como as formas de divisão da sociedade têm influência no currículo da mesma forma como o currículo processa o conhecimento e, o conhecimento de quem, quais grupos se beneficiam e, quais grupos são prejudicados pela forma que está organizado o currículo. Visto nas perspectivas teóricas de Apple a formação de resistências e oposições. O que veio politizar as teorias sobre currículo. (SILVA, 1999, p. 48).

Segundo Silva (1999), por outro aspecto as teorias de Giroux (1981, 1987) reconhecem a influência sobre a concepção libertadora de Paulo Freire abrindo caminhos para uma pedagogia de possibilidades, ausentes na crítica de teorias sobre reprodução dominantes. Embora Freire (1986) enfatizasse a importância das pessoas participarem no ato pedagógico da construção de seus próprios significados e, de sua própria cultura. Também enfatizavam Giroux (1981) que há estreitas conexões entre a pedagogia e a política, entre a educação e o poder.

Sintetiza Silva (1999), que essa tendência que apareceria impulsionada posteriormente por Giroux e Aronowitz (1987), que vê a pedagogia e o currículo através da noção de política cultural. Nas perspectivas teóricas de Giroux e Aronowitz:

[...] o currículo não está simplesmente envolvido com a transmissão de fatos e conhecimentos [...] O currículo é um local onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais [...] estreitamente ligados a relações sociais de poder e desigualdade. (GIROUX; ARONOWITZ, 1987 *apud* SILVA, 1999, p. 55).

Desta forma, o contexto da educação, currículo e identidade, depende de como se dá sua relação e percepção na escola para que se possa oferecer melhorias e contribuições dentro de perspectivas teóricas para o local pedagógico. Coloca-se desta forma, porque visto de maneira tradicional o currículo, também (re) produz divisões sociais, porém numa visão mais atual o currículo produz e organiza identidades culturais, segundo (CABRAL; COLOMBI; FERREIRA, 2002).

Nestas perspectivas surgem mudanças de inclusão, capazes de refletir sobre os processos sócio-educacionais, além de formas efetivas para que as bibliotecas escolares estejam contempladas desde as políticas públicas, nos projetos políticos pedagógicos, nos currículos voltados à realidade e à autonomia dos sujeitos envolvidos.

2.3.2 *Locus pedagógico e educação de jovens e adultos*

Na subseção anterior mostrou-se as perspectivas capazes de fomentar sobre as bibliotecas escolares, os processos sócio-educacionais e os projetos políticos pedagógicos. Esses são pontos convergentes entre biblioteca escolar e currículo. Nessa outra subseção do estudo apresenta-se o *locus* pedagógico e educação de jovens e adultos (EJA).

Desta maneira, nessa subseção busca-se, primeiro uma aproximação, entre ciência pedagógica e ciência da informação, por meio da pedagogia científica. Sendo assim, apresenta-se, primeiramente, a definição de “*locus*”, por Ferreira

(1986), onde “*Locus* deriva do latim *locale* e significa: 1. **Espaço**. 2. **Sítio ou ponto referido a um fato**. 3. **Espaço próprio para determinado fim**. 4. **Ponto de observação**, posição, posto. 5. Esfera, roda, **ambiente**.” (FERREIRA, 1986, p.1051, grifo nosso).

Nos últimos vinte anos, no Brasil, a escola como *locus* de formação, rompe espaços acadêmicos ao incorporar-se pelas políticas públicas como a via capaz de promover as políticas educacionais. Isso justifica que o *locus* pedagógico, com foco

na escola, revela-se por este espaço constituindo-se em um lugar de aprendizagem. No entanto, *locus*, é pedagógico quando serve como **instrumento de ação**, com **práticas educativas e processos de aprendizagens**. Visto desta maneira a Biblioteca Escolar será mais que um espaço educativo. (grifo nosso).

2.3.2.1 Ciência da Informação e o seu locus

Tratou-se anteriormente em apresentar a definição de *locus* e na aplicação destas definições, o *locus* pedagógico pela biblioteca escolar que é um *locus* de instrumento de ação, no uso de práticas educativas e, igualmente nos processos de aprendizagens. Para essa contribuição às escolas com educação de jovens e adultos se quer mostrar a aproximação da Ciência da Informação com a educação por meio da pedagogia científica.

Nessa parte do trabalho concebe-se a Ciência da Informação, primeiro no âmbito das entidades da área, pela Federação Brasileira de Bibliotecários, Documentação e Ciências da Informação FEBAB⁴, que desde, os primeiros Congressos de Biblioteconomia e Documentação (CBBB, 1954-2009) os encontros são promovidos, ou apoiados por esta organização. Ou seja, sobre as bibliotecas e a educação observa-se que essas propostas, há muito tempo, são mencionadas, por exemplo, no início da década de 80, no XI, Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação CBBB, cujo tema central era ‘Educação Permanente’ e, ‘Bibliotecas no Programa de Alfabetização de Adultos’ (CBBB, XI), o qual, Mueller (1982), fez considerações sobre a base de uma política educacional para às bibliotecas Públicas. A autora considerou que: “Se aceitarmos esta função como própria da biblioteca pública, seus programas e atividades deverão ser considerados de acordo com os objetivos educacionais a que se propõe [...] através de um prisma que vê a educação como instrumento de desenvolvimento individual e nacional, e no nosso caso, a partir da perspectiva das necessidades brasileiras, sobretudo das populações urbanas mais pobres, já que é esta a realidade que nos interessa.” (MUELLER, 1982, p.117).

⁴ Federação Brasileira de Bibliotecários, Documentação e Ciências da Informação FEBAB, fundada em 26.07.1959, e que tem como principal missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

No que relaciona a Biblioteca com uma organização social própria, Oliveira e Araújo (2002) colocam que “[...] como toda a organização social a biblioteca tem material organizacional e características intelectuais que servem como significado para expressar suas funções em uma estrutura social.” O que faz com que ela exista ao tornar possível, sua função social, “[...] prevê ferramentas [...] e, não somente para prover esta função, também para dotar uma infraestrutura para educadores e para muitos pesquisadores de campos específicos.” (OLIVEIRA, ARAÚJO, 2002, p.37- 43).

Enquanto que Sales (2005, p.56 *apud* CAMPELLO 2009, p. 20) assinala que falta destaque no contexto pedagógico visto que, a biblioteca escolar, ainda “[...] não é entendida como um espaço capaz de oferecer ao estudante e ao professor instrumentos e subsídios informacionais indispensáveis; não é entendida como fundamental na formação integral dos sujeitos.”

Desta maneira coloca-se a perspectiva da ciência por Saracevic (1992 *apud* SOUZA, 2007) onde a Ciência da Informação e a origem, a respeito de sua evolução enquanto ciência e as suas relações.

Ciência da informação é um campo devotado à investigação científica e à prática profissional que trata dos problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de registros do conhecimento entre seres humanos, no contexto de usos e necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação. No tratamento desses problemas tem interesse particular em usufruir, o mais possível, da moderna tecnologia da informação. (SARACEVIC, 1992 *apud* SOUZA, 2007, p.79)

Souza (2007) inferiu que a Ciência da Informação tem abordagem: disciplinar, multi, inter e transdisciplinar. Por conseguinte, a autora discute a abordagem pluridisciplinar da Ciência da Informação referindo-se ao “estudo de um tópico de pesquisa não apenas em uma única disciplina, mas em estudar esse tema em várias disciplinas ao mesmo tempo.” (SOUZA, 2007, p. 83). Ou seja, a pesquisa faz interações com vários campos do conhecimento.

Sobre o estudo do tema pluridisciplinar a autora coloca ainda a teoria do aprendizado que pode ser estudada na Ciência da Informação, Ciência da Computação e na Educação. Nesse caso, a Ciência da Informação aborda teorias estudadas, também por áreas distintas, mas inter-relacionadas para o aprendizado.

Já Bicalho e Oliveira (2011, p.11), inferem sobre a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação que necessita fortalecer a sua base teórica e interagir com outras áreas. Desta maneira deve cumprir seu papel social, o qual, “[...] aplica os conhecimentos que produz em contextos sociais, culturais, econômicos e políticos.” Porém na interdisciplinaridade a Ciência da Informação interage ao mesmo tempo em que contextualiza as abordagens de outras áreas do conhecimento.

Para Estabel e Moro (2011) a biblioteca escolar é espaço democrático social que contribui com a formação cidadã, além de propiciar o acesso e o uso da informação:

A biblioteca escolar é o espaço democrático de formação da cidadania, que propicia o acesso e o uso da informação e auxilia na constituição de um sujeito agente do seu processo de aprendizagem e consciente de seu papel na sociedade em que vive. Constitui o lugar de convívio da criança da Educação Infantil ao idoso da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde o bibliotecário, além de exercer a função de mediador, estabelece elos entre a informação, a leitura, o livro e os usuários, exercendo a função de educador e contribui para a construção de um mundo melhor. (ESTABEL; MORO, 2011, p. 68).

Porém, mesmo que esse espaço biblioteca escolar deva ser democrático e social, no caso da EJA, não deveria educar somente o idoso, conforme se mostra posteriormente, mas, igualmente, os adultos excluídos que, além da impossibilidade de acesso a educação, também sem as bibliotecas.

No âmbito da ciência da informação Silva (2009), coloca que, após os anos 70, surgiu a maior parte dos cursos de pós- graduação e mestrado na área. Segundo a autora, o conjunto das discussões levadas a efeito na década de 80 sobre o “[...] caráter democratizante da informação e da cultura, o papel do Estado e o poder das instituições civis organizadas para a formação de cidadãos e da cidadania cultural e informacional.” (SILVA, 2009, p. 2-3). Na opinião da autora, para o ensino da Biblioteconomia ressaltado por Souza (2000 *apud* SILVA, 2009, p. 4) que teve destaque a interdisciplinaridade “[...] a partir, do XI CBBB, por meio de análise crítica, contextualizando o social, o econômico e o político.” Conforme a autora, “havia clara tendência de mudança nos rumos da área a partir do X e do XI CBBB, De 1954 a 1977, as temáticas nesses congressos priorizaram aspectos técnicos e administrativos.” Prossegue a autora que “[...] a partir de 1979 instalaram-se eventos alinhados às demandas sociais.” (SILVA, 2009, p. 4).

Salienta-se também a contribuição investigativa da Campello (2010) que faz parte do grupo de estudo sobre biblioteca escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), pode-se considerar o *locus* de publicações a respeito das bibliotecas escolares brasileiras. Campello (2010) coloca que:

Ao se ampliar esse foco em futuros estudos, que incluam olhares de outros atores (alunos, professores, dirigentes, etc.), será possível uma compreensão mais abrangente da dinâmica da biblioteca escolar, que poderá sustentar de forma mais firme as necessárias ações políticas da classe em busca de melhores condições de funcionamento das bibliotecas escolares brasileiras. (CAMPELLO, 2010, p. 21).

Ou seja, a contribuição da autora inclui estudos focados nos vários sujeitos pertencentes ao ambiente escolar para a compreensão da dinâmica da biblioteca escolar que sustente as ações políticas da classe, ao visar melhores condições das bibliotecas escolares no cenário nacional.

Além dessas contribuições têm-se os eventos no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que constituem, na atualidade, o principal evento de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Pela sua história, os ENANCIBs têm se constituído em foro privilegiado de apresentação e discussão da pesquisa científica na área da Ciência da Informação Brasileira, congregando o conjunto dos pesquisadores e dos programas de pós-graduação nacionais. Esses eventos denominados de ENANCIBs são promovidos pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da informação (ANCIB)⁵.

A proximidade que a Ciência da Informação tem com a educação é parte da história do ensino, ou da escolarização, também com as ciências sociais a partir do momento que passou a se consolidar com elementos emprestados de outras ciências na perspectiva de socializar este conhecimento. Enquanto ciência deve comprometer-se com a realidade social dos indivíduos desde as pessoas que estão inseridas nesta realidade como também as que estão excluídas. Para isso, se consolida com elementos emprestados de outras ciências e socializa esse conhecimento comprometendo-se com a realidade social a qual se insere.

⁵ ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação fundada em junho de 1989 pelo esforço de alguns Cursos e Programas de Pós-Graduação da área.

2.3.2.2 *Pedagogia e o seu locus*

Na subseção anterior mostrou-se a proximidade da Ciência da Informação com a educação ao fazer parte da própria história do ensino constituindo-se como uma ciência social aplicada.

Nesse espaço do estudo primeiro refere-se a Ciência Pedagógica e a importância dessa para a interdisciplinaridade por meio das teorizações da área. Seguindo adiante para o desafio no relatório por Delors para a educação do século XXI, passando para uma breve contextualização histórica da educação de adultos através das conferências Internacionais (CONFITEAS, 1997-2009), com ênfase nessa última que aconteceu no Brasil em 2009. E por fim mostrar o que foi retirado sobre a educação de jovens e adultos pelo Relatório Global (UNESCO, 2010).

Na área da educação sobre o ensino voltado para a interdisciplinaridade, mais precisamente sobre a didática e a pedagogia crítico social, Libâneo (2004) coloca que “[...] Embora a interdisciplinaridade esteja virando modismo, não é por isso que ela deixa de ter importância na prática docente, na prática de gestão das escolas, na prática intelectual.” Sobre este termo o autor salienta os dois sentidos sobre a interdisciplinaridade em:

1º) Diz respeito às relações entre os campos científicos. Significa, basicamente, interação entre duas ou mais disciplinas, para superar a fragmentação, a compartimentalização, de conhecimentos. Uma troca entre especialistas de vários campos do conhecimento. A reunião de vários ramos do conhecimento para discutir um assunto, para resolver um problema. Confluência de vários conhecimentos para compreendermos melhor a realidade. 2º) É uma atitude, um modo de proceder intelectualmente. É uma prática de trabalho científico, profissional, de construção coletiva do conhecimento. É desenvolver a capacidade de pensar a realidade, as coisas, os acontecimentos, na sua globalidade. (LIBÂNEO, 2004, p.70).

Para o autor na escola, a interdisciplinaridade surge de várias maneiras, “[...] mas especialmente na concepção de currículo (visando superar a fragmentação do conhecimento em matérias isoladas) e na forma de organização do trabalho escolar.” (LIBÂNEO, 2004, p.70). Libâneo, também discorre sobre pensar e atuar em educação, por meio de uma perspectiva pedagógica. Para o autor, não significa

nesse olhar ‘identificar a pedagogia, como metodologia e procedimentos de ensino. Segundo o autor, seria algo como uma tecnologia de ensinar, mas do contrario em assumir a pedagogia como a área de conhecimento de ensino que, auxiliada por outras ciências humanas, investiga o fenômeno educativo em suas várias dimensões. Prossegue o autor que “a pedagogia é a teoria e a prática da educação, explicitando o olhar pedagógico de algo, pelo início da compreensão do objeto de estudo da pedagogia, a educação ou as práticas educativas.” (LIBÂNEO, 2007, p.4?). Segundo Libâneo (2004) a educação é uma prática social ao referir-se nos processos de formação humana e que atua pela comunicação e troca de experiências que se acumulam, além dos saberes e ações do construto humano. Para o autor o *locus* da ciência pedagogia é a didática que é voltada para a formação do aluno.

Nas proposições pedagógicas, e projetos pedagógicos, Lima (2007) na perspectiva de subsidiar e analisar as propostas pedagógicas dos sistemas de ensino e dos projetos pedagógicos, enquanto discussão que precede a construção dos projetos políticos pedagógicos das escolas e dos sistemas. A autora considera que “o processo educativo é complexo e marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais [...] não pode ser analisado fora de interação dialógica entre escola e vida.” (LIMA, 2007, p.6). Prossegue a autora que:

Este conjunto de indagações toca em preocupações que ocupam os profissionais da educação básica: qual o papel da docência, da pedagogia e da escola? Que concepções de sociedade, de escola, de educação, de conhecimento, de cultura e de currículo orientarão as práticas educativas? (LIMA, 2007, p.13).

Para algumas indagações, Lima (2007) responde que:

A função da escola, da docência e da pedagogia vem se ampliando, à medida que a sociedade e, sobretudo, os educandos mudam e o direito à educação se alarga, incluindo o direito ao conhecimento, às ciências, aos avanços tecnológicos e às novas tecnologias de informação. Mas também o direito à cultura, às artes, à diversidade de linguagens e formas de comunicação, aos sistemas simbólicos e ao sistema de valores que regem o convívio social, à formação como sujeitos éticos. (LIMA, 2007, p.13).

Bahia (2007) infere que “há valores e intencionalidades de um processo educativo.” Desta maneira a autora coloca que:

O projeto político-pedagógico é a efetivação das ações e reflexões produzidas pelos interesses políticos-pedagógicos dos atores que atuam na instituição. Portanto, há valores que devem ser preconizados na construção, execução e avaliação de um projeto, pois para além da dicotomia existente entre o pensado e o construído existem valores que demarcam e caracterizam as finalidades e intencionalidades de um processo educativo. (BAHIA, 2007, p.14).

Segundo a análise realizada por Maia e Manfio (2010), a escola enquanto objeto de estudo da educação, além de novo está ainda em fase de estruturação. Para as autoras foi na década de 90 que surgiu uma abordagem onde pesquisadores acolhem a perspectiva centrada na organização escolar em que “preocupam-se em olhar para as organizações escolares, analisar, explicar, compreender o que elas fazem em seu cotidiano, como constroem o processo educacional.” (MAIA; MANFIO, 2010, p.2).

Pelo cenário mundial, o “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Delors *et al.* (1998 *apud* MARTUCCI, 2005, p. 2), menciona o documento ao reforçar o desafio lançado pelo relatório em que “a educação básica, ou fundamental deve ser preparada para ‘elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo poder decidir, por si mesma, como agir nas diferentes circunstâncias da vida’”.

É possível fazer uma contextualização histórica da educação de adultos através das conferências Internacionais que abordaram o tema. Nesse contexto, é importante salientar que a abordagem se dá, somente, nas conferências realizadas a partir do século XX. Martins (2009) descreve que em 1997 a quinta conferência ocorre em Hamburgo, na Alemanha. Sobre esse contexto da educação de adultos nessa conferência, o país que do evento homenageia o educador brasileiro Paulo Freire. (MARTINS, 2009). O autor menciona que há quinze anos (1997), ocorreu o evento à quinta Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFITEA), realizado na Alemanha que homenageou o educador brasileiro Paulo Freire que não participou devido a sua morte. Esse encontro foi considerado o decênio da Alfabetização, também firmou a agenda para o futuro na perspectiva da educação ao trabalhador. O tema foi “Educação de Adultos: processo de aprendizagem teórico e prático.” (UNESCO, 1997).

Já a Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFITEA) realizada pela primeira vez no hemisfério sul, o que pode ser visto como o *locus* histórico da educação de jovens e adultos. Para este evento se gerou um pré-documento denominado de 'Marco de Ação de Belém', cujas diretrizes foram usadas pelo Ministério da Educação – MEC. (BRASIL, 2009). O documento trazia o tema: “Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida”, com resultados de vários encontros preparatórios em parceria do MEC com os sistemas de ensino e movimentos sociais vinculados à educação popular. Para sua realização interagiram gestores, educadores, alunos, organizações não governamentais e sindicais, universidades, coletivos e colegiados com vínculos à educação, entre outros. (BRASIL, 2009).

Após a realização do encontro, a UNESCO elaborou um relatório Global sobre Aprendizagem de Adultos (UNESCO, 2010). Sobre a conferência (VI CONFITEA), o relatório demonstra que o campo da educação de adultos é altamente diversificado. Nas perspectivas de trabalho e educação o encontro discorreu para cursos de formação diante da perspectiva para aquisição ou aperfeiçoamento de competências. Além destas firmou ser importante o uso Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de forma eficaz. Sob a ótica deste encontro várias expectativas, porém no Brasil ainda faltam alguns avanços, pois em âmbito nacional o Plano Nacional de Educação (PNE), como Política de Estado (ANPED, 2010); e os planos e programas (PNBE; PLL; PMLL, 2011) são todos relacionados com a leitura que não é o enfoque desta pesquisa, por conceber a biblioteca escolar mais que um complemento, ultrapassando a própria leitura, tornando-a assim um instrumento pedagógico à Educação. (BRASIL, 2009).

2.3.3 Histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Embora a história da educação realizado na história de Jovens e Adultos (EJA), que vai além do território brasileiro, assim, tentar identificar como foi a construção da educação, ou educação de jovens e adultos.

Enquanto histórico da educação se percebeu na história da Educação de Jovens e Adultos, que vai além da territorialidade brasileira, desta forma, se buscou identificar como se deu a construção do ensino, ou educação para jovens e adultos.

Segundo Martins (2009, p.20) a Primeira Conferência Internacional de Adultos (I CONFITEA), foi em Elsinore, na Dinamarca em 1949, organizada pela UNESCO.

Sobre a atribuição deste evento em desenvolver formas educativas, deu-se devido ao mundo ter saído de uma guerra e todos os direitos que dizem respeito à dignidade humana terem sido ultrajados por esta.

A Segunda Conferência Internacional de Adultos (II CONFITEA), conforme Silva, T. (1999, p.24) foi em “[...] Montreal, Canadá (1960), [...] o mundo passava por alterações políticas e econômicas, daí o seu tema *Educação de Adultos em um mundo em mudanças*.” A decisão principal nesta conferência sobre a educação de jovens e adultos, sem atender aspectos vocacionais, visava às necessidades das nações presentes no encontro com abrangência para a alfabetização funcional, à educação rural, mão de obra e a educação feminina. Além disso, foi onde iniciaram os primeiros debates sobre práticas educativas, as quais, permanentes ou continuas.

A Terceira Conferência Internacional de Adultos (III CONFITEA), realizada em Tóquio (1972), com o título de ‘Educação de Adultos no contexto da Educação Permanente’, para o processo de industrialização com vistas pela ciência e tecnologia o que para Martins (2009, p.78) a conferência, apresentou avanços no que se refere à mobilização de recursos educativos da comunidade por Educação de Adultos e “[...] considerando a imensidade da tarefa de Educação de Adultos em todos os países e o aumento contínuo das necessidades de atualizar dia-a-dia os conhecimentos e as técnicas, em razão do desenvolvimento mais e mais rápido da ciência e da tecnologia.” (MARTINS, 2009, p.78)

A Quarta Conferência Internacional de Adultos (IV CONFITEA), em Nairóbi (1976), ampliou significativamente a concepção de educação de adultos teve como conotação diferenciada das outras conferências ao dar independência a cada país para adotar a prática educativa para adultos as suas reais necessidades. Segundo Martins (2009, p.82) “[...] da IV CONFITEA, saíram recomendações diversas.” Recordando as recomendações da III Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (Tóquio, 1972), especialmente a recomendação dois relativa aos fins da educação de Adultos e à recomendação seis relativa às medidas para promover a educação dos trabalhadores. São vistas por práticas educativas para adultos advindas com base em teorias, originárias no Brasil na década de 60, pelo educador Paulo Freire para atender as camadas mais carentes em países do terceiro mundo. O que de acordo com Freire (1981) a educação popular constitui-se como um novo fazer educacional, que é também político disse que toda ação educacional, nunca é

neutra, sempre está a favor de uma posição política, que repercute na relação professor/aluno/conhecimento e, como consequência, no tipo de ser que se quer formar. Desta maneira o educador trazia uma nova proposta baseada em diálogos, enfatizava as características socioculturais das classes populares, além da participação consciente pela realidade social no contexto de inserção dos educando.

Na Quinta Conferência Internacional de Adultos (V CONFITEA), firmou-se a Declaração de Hamburgo (Alemanha, 1997), sobre Educação de Adultos:

A Educação de Adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A Educação de Adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e, incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, (UNESCO, 1997, p. 42)

A Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFITEA), foi encerrada com um apelo aos governos para levarem a diante, com senso de urgência e em ritmo acelerado, a agenda de educação e aprendizagem de adultos, e redobram os esforços para cumprir as metas de alfabetização determinadas em Dacar, em 2000. A temática do encontro foi ‘*Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos*’. As medidas adotadas em Belém do Pará (2009) foram para fazer a reflexão sobre o foco a alfabetização como base da aprendizagem ao longo da vida e parte irrefutável do direito à educação, o Marco de Ação de Belém apela para que se “[...] redobre os esforços a fim de reduzir o analfabetismo em 50% (em relação aos níveis de 2000) até 2015”. (UNESCO, 2009, p.18). Faz um apelo também pelo aumento de recursos financeiros e humanos especializados, da oferta de currículos relevantes, de mecanismos de garantia de qualidade, e uma redução na disparidade de gênero na alfabetização.

O Marco de Ação de Belém (2009) enfatizou a necessidade de se fortalecer a cooperação internacional em áreas que vão desde o reconhecimento das qualificações ao compartilhamento de expertise e práticas inovadoras, garantia de qualidade, acesso equitativo, apoio para as línguas indígenas e educação para

migrantes. Essas medidas obrigam os países a aumentar o seu investimento em educação de jovens e adultos para, no mínimo, 6% do produto interno bruto (PIB), bem como promover e estabelecer novos mecanismos de financiamento alternativos.

2.3.4 Educação de Jovens e Adultos no Brasil: século XVIII ao século XXI

É sabido que a história da alfabetização de adultos inicia-se no Brasil colônia, a qual, já foi revisitada por muitos autores (MUELLER, 1982; LOPES, SOUSA, 2005; GONZALEZ, 2009; SILVA, J., 2011) e, que acompanha a trajetória da educação como um todo, neste período a intenção era de catequizar e, a partir desta, alfabetizar. Com o tempo e os avanços das indústrias e tecnologias a economia brasileira passou a exigir que os trabalhadores fossem mais qualificados e para cumprir a exigência, igualmente, alfabetizados. Para o cumprimento destas exigências foram adotadas várias campanhas, por meio de medidas políticas e pedagógicas.

A construção histórica da educação por meio da alfabetização, seja de adultos, ou jovens e adultos, manteve o Estado associado à Religião por muito tempo. Primeiro, segundo Beisegel (1974) eram os jesuítas voltados à catequização, após serem expulsos, o surgimento das escolas veio, somente, na época do Império (1830) quando houve um projeto de criação de escolas (Artes e Ofícios) para crianças e adultos. Inicialmente a alfabetização tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever os colonizadores adultos. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado.

A partir da década de 30 iniciou um sistema público de educação no país. A constituição de 34 estabeleceu o primeiro Plano Nacional de Educação (PNE), que já indicava a educação de adultos pelo Estado. Na década de 40, segundo Lopes e Sousa (2005, p.4) que em 1946, veio à instalação do Estado Nacional Desenvolvimentista, houve um deslocamento do projeto político do Brasil, passando do modelo agrícola e rural para um modelo industrial e urbano, que gerou a necessidade de mão de obra qualificada e alfabetizada:

Em 1947, o MEC promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). A campanha possuía duas estratégias: os planos de ação extensiva (alfabetização de grande parte da população) e os planos de ação em profundidade (capacitação profissional e atuação junto à comunidade). O objetivo não era apenas alfabetizar, mas aprofundar o trabalho educativo. Essa campanha – denominada CEAA – atuou no meio rural e no meio urbano, possuindo objetivos diversos, mas diretrizes comuns. Ainda em 1947, aconteceu o *I Congresso Nacional de Educação de Adultos*. Em 1949, o *Seminário Interamericano de Educação de Adultos*. (LOPES; SOUSA, 2005, p.4).

Porém, coloca-se aqui que a I Conferência Internacional (1949) sobre educação era voltada para a industrialização e na contribuição da educação de adultos para os princípios de interesses que atendiam aqueles países e não pela população que não tinha alcançado os níveis satisfatórios de escolarização, pois a industrialização precisava de matéria prima dos países pobres e da produção e mão-de-obra, já visto anteriormente.

Segundo Lopes e Sousa (2005, p.5), de 1952 a 1956 no Brasil, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), a qual era ligada a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) as quais visavam promover processos para desenvolvimento das comunidades no meio rural brasileiro.

Em 1958, foi realizado o *II Congresso Nacional de Educação de Adultos*, com o objetivo de avaliar as ações realizadas na área e visando propor soluções adequadas para a questão. Pois de acordo com Lopes e Sousa (2005) foram feitas críticas à precariedade dos prédios escolares, sobre inadequação do material didático e a qualificação do professor. Neste período apresentam-se as propostas do educador Paulo Freire por meio da delegação de Pernambuco.

Conforme Freire (1978 *apud* PEDROSO, 2008, p.52) “[...] dessa perspectiva, Freire criticou a chamada “educação bancária”, que considerava o analfabeto pária e ignorante, uma espécie de gaveta vazia onde o educador deveria depositar conhecimento.” Tomando o educando como sujeito de sua aprendizagem, para a autora Freire (1978) propunha “[...] uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que a fosse transformando através do diálogo.” Na época, ele se referia a uma consciência ingênua ou intransitiva, herança de uma sociedade fechada, agrária e oligárquica, que deveria ser transformada em consciência crítica,

necessária ao engajamento ativo no desenvolvimento político e econômico da nação.

Para Lopes e Sousa (2005) no golpe militar de 64 os movimentos de alfabetização de cultura popular foram reprimidos, porém manteve-se o *Movimento de Educação de Bases* (MEB) por ligar-se ao Ministério da Educação (MEC) e à igreja Católica, no entanto, pela falta de recursos e as pressões dos militares, a maioria do sistema de educação findou as atividades (1966). (LOPES; SOUSA, 2005, p.6). Prossegue a autora que *O Movimento Brasileiro de Alfabetização* (MOBRAL) inicia na década de 70 tinha como projeto acabar com o analfabetismo brasileiro em dez anos, porém o Censo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que um índice de 25,5% de analfabetos numa população de jovens de 15 anos, ou mais. O que acabou alterando os objetivos do programa e ampliando a área de atuação para os campos de educação comunitária e educação de crianças. Ou, seja, para enfrentar o analfabetismo, que persistia como um desafio, “[...] o governo militar promoveu, entre 1965 e 1971, a expansão da Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), entidade educacional dirigida por evangélicos, surgida no Recife, para ensinar analfabetos” (BRASIL, 2002, p. 15).

Em 1971 surgiu o *Ensino Supletivo* na história da educação de jovens e adultos brasileiros. Um marco para alguns na educação porque criou vários centros de Estudo Supletivos e que se propunha ser um modelo de educação para atender às necessidades da sociedade:

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004, p. 40 *apud* LOPES; SOUSA, 2005, p. 6).

A referida Lei, que dedicou especialmente um capítulo à Educação de Jovens e Adultos, definiu o ensino supletivo de acordo com as seguintes funções “[...] a suplência - relativa à reposição de escolaridade; o suprimento - relativo ao aperfeiçoamento; e a aprendizagem e a qualificação - referentes à formação para o trabalho e profissionalização” (Lei 5692 de 1971, Capítulo IV).

O sistema de ensino supletivo não requeria a frequência e sua avaliação era por dois módulos: interna e ao final do módulo e a outra externa feita pelos sistemas educacionais. Por conseguinte sua metodologia gerou problemas: o fato de os cursos não exigirem a presença do aluno, elevou os índices de evasão, além de na visão das autoras impedirem a socialização do aluno com os demais colegas, a formação ágil ao visar para o aluno a entrada no mercado de trabalho, restringia na busca do diploma sem a consciência da necessidade do aprendizado.

De acordo com Pedroso (2008) deve-se a escassez de recursos e outras prerrogativas os resultados dados pelo supletivo onde:

Não se pode, porém, atribuir os escassos resultados qualitativos alcançados pelo ensino supletivo apenas à limitação pedagógica do paradigma compensatório, uma vez que a escassez de recursos financeiros e a falta de preparo específico dos professores também tiveram papel significativo no contexto das mazelas que atingiram o conjunto do ensino público em expansão naquele período, mas que afetaram de modo mais agudo as modalidades de menor prestígio, como a Educação de Jovens e Adultos. (PEDROSO, 2008, p. 69).

No início dos anos 80 novas rupturas, mais transformações sócio-políticas, fim de governos militares, propostas de democratização, eleições diretas etc. no contexto da educação de Jovens e Adultos (EJA), extingue-se o movimento brasileiro de alfabetização (MOBRAL) em 1985, que foi substituído pela Fundação EDUCAR possibilitando a ampliação da EJA e em defesa da escola pública e gratuita para todos. Movimento na organização política de estudantes, educadores e políticos. Segundo Haddad (1991 *apud* LOPES, SOUZA, 2005, p. 7) ao se referir aos Centros Supletivos:

Os Centros de Estudos Supletivos não atingiram seus objetivos verdadeiros, pois, não receberam o apoio político nem os recursos financeiros suficientes para sua plena realização. Além disso, seus objetivos estavam voltados para os interesses das empresas privadas de educação. (HADDAD, 1991 *apud* LOPES, SOUZA, 2005, p. 7).

Porém, o avanço para o processo educacional da alfabetização de jovens e adultos (EJA) veio à nova constituição brasileira de 1988 que tornava o ensino

fundamental, obrigatório e gratuito, além da garantia constitucional, também para quem não tivesse acesso ao ensino na idade apropriada.

A partir dos anos 90, a educação de jovens e adultos (EJA) começou a perder espaço por meio das ações de governos. Já no início do governo Collor, a Fundação EDUCAR foi extinta e todos os funcionários colocados em disponibilidade, além do afastamento da União ao transferir a responsabilidade da EJA para os Estados e Municípios. Atualmente, conforme o Relatório Global da IV CONFITEA e outros relatórios preparados a VI CONFITEA, que se refere sobre o ambiente da política pública e o marco de governança de educação de adultos o Brasil faz parte dos países com organização descentralizada da aprendizagem e educação de adultos. Denominam-se por mecanismos de governança descentralizada onde:

A governança é um processo político, e a educação de adultos está enraizada em contextos sociais, políticos e culturais em grande parte motivados e fortalecidos pela busca da democracia e da realização dos direitos humanos. A desconcentração da governança na educação de adultos é, portanto, um imperativo político (e talvez até mesmo econômico). (RELATÓRIO GLOBAL, 2010, p. 38).

Segundo este mesmo documento (2010, p.43) para compreender, ou se ter uma visão geral da educação de adultos requer que se reconheça a diversidade de tipos de oferta, finalidades e conteúdos que podem ser incluídos com definições significativas. Além de este mesmo documento reforça a importância do **empoderamento**⁶ pessoal, bem-estar econômico, coesão da comunidade e desenvolvimento social. (grifo nosso).

Conforme o Relatório Global (2010, p.43) todas as necessidades são urgentes para aumentar os níveis de alfabetização de adultos, habilidades básicas e competências-chave em todo o mundo e mais intensamente nos países do Sul. No entanto, diante da **complexa realidade educacional brasileira, em pleno século XXI**, no que tange aos Direitos Humanos e a Educação, segundo as publicações em Direitos Humanos apresentam e aprofundam aspectos do direito à educação, pelas relatorias nacionais, por exemplo, em leis e instrumentos institucionais. Apresentam dados que indicam existir 57,7 milhões de pessoas com mais de 18 anos que não

⁶ Extraído de: Valoura (2005/2006, p.2): O termo empoderamento, refere-se à expressão criada por Paulo Freire onde para o educador, a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer. O conceito usado pelo

frequentam escola e que não têm sequer o ensino fundamental completo (PNAD, 2009), por exemplo, em desigualdades na educação brasileira (grifo nosso):

Mais de 70% dos 473 mil adultos privados de liberdade no país não concluíram o ensino fundamental e apenas cerca de 17% estão frequentando alguma atividade educativa (Ministério da Justiça); Estima-se que 15 milhões de brasileiros (as) possuem algum tipo de deficiência. Entretanto, em 2009, apenas 639.718 pessoas com deficiência estavam matriculadas na escola (Censo Escolar, 2009); A população negra, com média de 6,7 anos de estudo, tem praticamente 2 anos de estudo a menos que a branca (8,4 anos) (PNAD, 2009); O número médio de anos de estudo das pessoas de 15 anos ou mais de idade no Brasil é de 7,5; no Nordeste o número médio é de somente 6,3 anos de estudo, enquanto no Sudeste é de 8,2 anos de estudo (PNAD, 2009); 28% dos brasileiros – mais de um quarto da população – com idade entre 15 e 64 anos é analfabeto funcional. Entre aqueles que têm renda familiar de até um salário mínimo, há 55% de analfabetismo funcional; na população com mais de dois salários mínimos, a porcentagem cai para 22% (INAF, 2009); Enquanto o valor anual por aluno do Fundeb para cada estudante matriculado no ensino fundamental é de R\$ 1.729 nos dez estados de menor arrecadação (AL, AM, BA, CE, MA, PA, PB, PE, PI e RN), alcança R\$ 2.640 em São Paulo e R\$ 2.915 em Roraima (FNDE, 2011). (RIZZI; GONZALES; XIMENES, 2011, p.13).

Por conseguinte diante de tantas complexidade e urgências a Biblioteca Escolar deve contribuir com a educação de âmbito geral, especificamente com a educação de jovens e adultos (EJA). Ou seja, para atender ao público da EJA, a biblioteca, seja ela pública ou escolar, deveria se ater ao perfil dos alunos, diante de todas as suas especificidades.

Porém deve estar fortemente instrumentalizada em seu papel educativo e, igualmente, na sua função educativa. O que justifica pela interlocução e na colaboração das respectivas áreas, de acordo com Pedroso (2008) que coloca a necessidade de interlocução da Ciência da Informação com a Educação, de forma a colaborar para que os docentes lidassem melhor com as informações disponíveis, atingindo a competência informacional, buscada atualmente pelas bibliotecas escolares. Da mesma maneira para a Educação os profissionais das respectivas áreas interlocutoras e colaborativas, devem atender, nas bibliotecas escolares, a todas as especificidades destas complexidades e urgências sócio-educacionais.

educador em “Empower” diferente do termo em inglês “Empowerment” em: “We want to empower ordinary citizens. ‘Nós queremos empoderar cidadãos comuns’”. (tradução da autora).

Enquanto vínculo à instituição pública a biblioteca escolar deve voltar-se para o público, descreve Vilela (2009), que a biblioteca realmente pública deveria voltar-se para o não público, para os marginalizados e desprovidos de condições de escolha e de consumo. Para se aproximar do não público, a biblioteca verdadeiramente pública deve buscar igualar a sua linguagem com a linguagem dos seus novos usuários.

2.4 Paulo Freire: respaldo teórico-pedagógico da biblioteca

Apresentou-se anteriormente a educação de jovens e adultos nas perspectivas do ensino em suas construções no Brasil, nesta parte teórica coloca-se a biblioteca como respaldo pedagógico na perspectiva do educador Paulo Freire.

A principal característica de Freire sempre foi unir pensamento com a prática. Ao combinar recursos com métodos existentes na forma de pensar, ele criou o responder adaptado às situações reais cotidianas no que devia trabalhar. Conforme Barreto (1986) a contribuição de Paulo Freire foi filosófica e pedagógica, e que sua preocupação sempre fora relacionada com a questão da produção do conhecimento “[...] o ato de conhecer não se dá através de um método. Métodos não criam conhecimento. No entanto, não é difícil identificar a origem do equívoco que identifica Paulo Freire com o Método de Alfabetização.” (BARRETO, 1986, p.2).

Conforme o educador Paulo Freire (1996), o sujeito é parte do processo de ensino-aprendizagem e em sua visão o aluno interfere diretamente no ensino. Além de amparo teórico nos estudos sobre saberes necessários à prática educativa percebidas por Paulo Freire onde diz que “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.” Torna-se um importante respaldo pedagógico para este estudo sobre biblioteca escolar, ao referir-se à uma prática pedagógica autônoma.

Em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), de forma clara e simples, o educador Freire aborda a educação no dia a dia na sala de aula e igualmente fora dela. Trata especificamente sobre o desenvolver da formação dos educadores (as) e sua constituição educacional com uma visão crítica e democrática.

Afirma que “[...] não há docência sem discência, que as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam não se reduzem à condição de objeto um do outro.” (FREIRE, 1996, p.12). Para o educador “[...] o aprender

socialmente é o precisar trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar”, de maneira que “[...] exige rigorosidade metódica que não tem haver com o discurso "bancário" meramente transferidor, no perfil do objeto ou do conteúdo.” (FREIRE, 1996, p.13).

Consequentemente pesquisar para constatar, intervir-educar e ser educado implica no compromisso do educador com a consciência crítica do educando, desta maneira, segue que “[...] Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 1996, p.14). De acordo com o educador Freire, “[...] ninguém problematiza algo a alguém e permanece, ao mesmo tempo, como mero espectador da problematização.” (FREIRE, 1983, p.56).

O educador ainda coloca a necessidade da crítica permanente e toma como base à ética para a formação “[...] Transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo; o seu caráter formador.” (FREIRE, 1996, p.16). E afirma o autor que discordar do seu oponente não é necessariamente ter raiva. Sem negar o direito à raiva e sim distinguir das emoções irreprimíveis, onde:

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância [...]Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem o tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada. (FREIRE, 1996, p.16).

Para Freire (1996, p.17) ensinar é dispor-se ao risco, aceitar o novo que não pode se negar ou acolher só porque é novo, da mesma forma recusar o velho não é apenas o cronológico. O velho que se atualiza e valida é novo.

Assim como rejeitar qualquer forma de discriminação, no preconceito de raça, de classe, ou de gênero⁷ que ofende a substantividade do ser humano, além de negar radicalmente a democracia. Prossegue o educador que pensar e fazer errado, não tem nada a ver com o bom senso que regula os exageros e evita o caminhar até o ridículo e a insensatez. O educador ao expor se teme que algum leitor ou leitora,

⁷ Adaptado pela autora para descrever a amplitude da substantividade humana, pois quando se refere ao gênero implica-se, neste assunto, não somente homens e mulheres, mas diz respeito a outras identidades de sexo.

mesmo que não totalmente convertido ao pragmatismo neoliberal, mas por ele tocado, ache o discurso utópico e não uma defesa social e histórica em sua constituição, como descrito a seguir:

Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. Às vezes, temo que algum leitor ou leitora, mesmo que ainda não totalmente convertido ao “pragmatismo” neoliberal, mas por ele já tocado, diga que, sonhador, continuo a falar de uma educação de anjos e não de mulheres e de homens. O que tenho dito até agora, porém, diz respeito radicalmente à natureza de mulheres e de homens. Natureza entendida como social e historicamente constituindo-se e não como um “a priori” da História. (FREIRE, 1996, p.17).

Afirma ainda Paulo Freire (1996, p.17) que o pensar certo implica saber da existência de sujeitos que ao pensar são mediados por objeto, ou objetos sobre o qual incide o próprio pensar dos sujeitos. Portanto é um ato do comunicar, do ter entendimento que não há transferência, mas coparticipação. E que todo entendimento, se não se acha "trabalhado" de forma mecanicista, se não está submetido aos "cuidados" alienadores da burocracia, implica, necessariamente, comunicabilidade. A coerência de acordo com o educador está no exercer como ser humana a irrecusável prática de se fazer entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Dar condições para que o educando e suas relações com colegas e educadores possa ensaiar a experiência profunda de assumir-se:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996, p.18).

Assumir como ser social e histórico é ter autonomia para tal em reconhecer-se em sua identidade cultural. Sobre estes reconhecimentos é que se quer percebida a biblioteca escolar respaldada pelas perspectivas Freireana, desta maneira coloca-se a seguir a cultura e a ação cultural na biblioteca.

2.5 Cultura e ação cultural na biblioteca na perspectiva de Paulo Freire

Visto anteriormente que para a autonomia e identidade cultural deve-se assumir-se enquanto ser social e histórico, desta forma, a cultura e ação cultural será com respaldo nas perspectivas Freireana.

Sobre a difusão, ou disseminação do conhecimento a ação cultural deve ser acrescentada pelas instituições de apoio ao desenvolvimento social no desencadear ações que visem dar retorno de melhorias à sociedade. A escola que é, igualmente, uma instituição social pode e deve se colocar no uso da ação cultural. Nesse contexto a biblioteca escolar é um *locus* fundamental no que diz respeito a ações culturais, em razão da tomada de consciência dos sujeitos ao fazer parte da transformação. Percebe-se que:

A ação cultural como entendemos não pode de um lado sobrepor-se à visão do mundo de um sujeito e invadi-lo culturalmente, tampouco adaptar-se a ela; pelo contrário sua tarefa é, partindo daquela visão, tomada como um problema, exercer, com o sujeito uma volta crítica sobre ela, de que resulte sua inserção cada vez mais lúcida, na realidade em transformação. (FREIRE, 1981, p.30)

Por conseguinte a biblioteca escolar tem a possibilidade de ser um grande instrumento de aprendizagem e ações culturais, porque a biblioteca escolar, pois além de possuir o aporte teórico e as ferramentas para instrumentalizar a ação insere-se na realidade para contribuir com a visão crítica dos sujeitos.

Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessária a utilização de recursos que facilitem a integração e a dinamização do processo ensino aprendizagem e entre os recursos existentes, destaca-se a Biblioteca Escolar, instrumento indispensável como apoio didático-pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas. (HILLESHEIM; FACHIN, 1999, p.2)

Extrapolando a afirmação acima (tempo, espaço, atividades e identidade), porém, a ação cultural quando gerida, de forma limitada é ligada à biblioteca, então

cabe ao bibliotecário informar a sua importância para a biblioteca escolar. Contudo, na visão de CAMPELLO (2009, p. 21), ao salientar haver por parte dos bibliotecários a consciência de seu papel como educadores, além das funções técnicas, que necessitam desempenhar, enfrentam dificuldades, que vão desde o número reduzido de pessoas em sua equipe até o desconhecimento, por parte do corpo docente das funções que o bibliotecário deve desempenhar.

Aliada a esta questão os gestores das escolas públicas numa visão macro na política educacional são os responsáveis pelas mesmas nestas instituições educacionais, em uma visão micro, são os tomadores de decisão e aplicação da mesma.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta as dimensões metodológicas em relação ao modelo de estudo, à população à amostra, características dos sujeitos, os critério da pesquisa bibliográfica e documental, apenas diferenciando-se pela natureza das fontes, os instrumentos de coleta de dados e aos procedimentos da pesquisa, o plano de análise, além das etapas relativas ao plano de análise, apresentação e aplicação dos dados e, por fim, às limitações do estudo.

3.1 Modelo de Pesquisa

Trata-se de um estudo exploratório, em razão do problema refletir um tema pouco desenvolvido nas universidades e que remete a um tipo de análise de natureza qualitativa. Segundo Gil (2010, p. 27), as “[...] pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral acerca de determinado fato. É realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado.” Utilizam-se como métodos o levantamento de bibliografia, a entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo.

3.2 População e amostra

A população do estudo proposto será compreendida pelos diretores de escolas públicas municipais de Gravataí (RS), no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sob a jurisdição de Gravataí existem cadastradas 76 (setenta e seis) escolas de ensino fundamental, em localidades urbanas e rurais, 41 (quarenta e um) com bibliotecas. Destas, apenas 5 (cinco) escolas atendem na modalidade EJA um universo de 1.141 (um mil cento e quarenta e um) alunos. Estas escolas de educação de jovens e adultos (EJA) dispõem de 5 (cinco) gestores e, também, 8 (oito) vice-gestores.

3.3 Características dos sujeitos e das escolas

Os sujeitos são os gestores das escolas públicas de ensino fundamental de educação de jovens e adultos (EJA). São 5 (cinco) gestores escolares e todos com formação superior em áreas diferenciadas do conhecimento, por exemplo, o primeiro gestor (E.A) tem formação superior no ensino de ciências, a formação do segundo gestor (E.B) é de Pedagogo; o terceiro gestor (E.C) no ensino de matemática, o quarto gestor (E.D) tem formação em Letras e especialização em literatura brasileira e por último o gestor (E.E) que, também é Pedagogo com especialização em linguística.

Os contextos escolares de 5 (cinco) escolas (A,B,C,D,E) municipais de ensino fundamental (EJA) que atendem nos turnos seguintes: manhã, tarde e noite:

- a) escola (A) atende 282 (duzentos e oitenta e dois) alunos;
- b) escola (B) atende 131 (cento e trinta e um) alunos;
- c) escola (C) atende 196 (cento e noventa e seis) alunos;
- d) escola (D) atendeu 177 (cento e setenta e sete) alunos;
- e) escola (E) atende 321 (trezentos e vinte e um) alunos.

Ou seja, nesse universo de alunos do ensino da educação de jovens e adultos (EJA) o município atende 1.107 (um mil cento e sete) *alunos adultos*, sendo que 334 (trezentos e trinta e quatro) *jovens* na faixa etária de (15 - 18) anos, na modalidade CEREJA⁸, em horário noturno⁹.

Todas as escolas tem biblioteca, porém somente duas escolas afirmaram que ela é frequentada pelos alunos da (EJA). Não será possível dar informações específicas a respeito das escolas e seus gestores devido o acordo informal (verbal) firmado como termo de compromisso entre pesquisadora e respondentes de que teriam a identidade preservada, bem como o nome da instituição a que servem.

⁸ CEREJA: são centros de estudos na modalidade de jovens adultos, diferenciando-se de jovens e adultos (EJA) pela faixa etária dos alunos. Disponível em: < <http://www.cereja.org.br/> >. Acesso em: 6 out. 2011.

⁹ Os Cerejas atendem os jovens adultos, de faixa etária entre (15- 18) anos em 13 (treze) escolas Municipais de Gravataí. Algumas escolas não contam com bibliotecas. **Fonte:** Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul. SEC.RS.

3.4 Critérios para a Pesquisa Bibliográfica e Documental

A pesquisa bibliográfica deu-se com a revisão do material bibliográficos escritos a partir de, 1971 a 2011, em língua portuguesa (Brasil). Podem-se visualizar bem mais sobre os procedimentos da pesquisa, por meio do acesso as fontes nos quadros dos apêndices.

A pesquisa documental diferenciando-se da bibliográfica pela natureza das fontes baseou-se nas descritas por Gil (2010) que foi antecipada para analisar os documentos oficiais sobre a Biblioteca Escolar. Segundo o autor “[...] Primeiro passo explorar fontes documentais; os documentos que ainda não receberam tratamento analítico, documentos oficiais, contratos, fotografias, gravações etc. Segundo passo analisar documentos de segunda mão: relatórios de pesquisas, tabelas estatísticas, etc. (Gil, 2010, p.66). Desta forma nesta primeira etapa da pesquisa documental extraíram-se informações de fontes institucionais governamentais públicas de âmbito Federal, Estadual e Municipal (BRASIL)¹⁰, já na segunda etapa da pesquisa documental foi pelas entrevistas gravadas com os cinco gestores escolares.

3.5 Instrumento de coleta de dados

Foi adotada como instrumento para a coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, por pautas, com um roteiro de perguntas abertas, a serem respondidas pelos gestores das escolas (APÊNDICE B). Sobre a entrevista por pautas, Gil (2010, p. 113) salienta que ela “[...] apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso.” Foram feitas, dentro do entendimento dos gestores, algumas perguntas que o motivaram a responder sobre suas percepções acerca da biblioteca escolar.

3.6 Procedimentos de pesquisa

Os procedimentos técnicos deste estudo possuem características da pesquisa bibliográfica e também da pesquisa documental.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Educação. MEC. Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. SEC/RS. Secretaria da Educação do Município de Gravataí. SMED.

Mesmo trabalhos inéditos exigem do pesquisador, qualquer seja esta ou aquela tipologia de pesquisa, o levantamento e seleção de uma bibliografia concernente, sendo pré-requisito indispensável para a construção e demonstração das características de um objeto de estudo. (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 30).

Já a pesquisa documental valeu-se, de acordo com Gil (2010), de materiais que receberam tratamento analítico, como, por exemplo, os documentos gerados a partir das transcrições das entrevistas (seção 4).

Nesse sentido, os procedimentos de pesquisa adotaram uma postura ambivalente, já que as pesquisas bibliográfica e documental se complementam na tentativa de compreensão das falas dos diretores/gestores e da literatura produzida até então sobre o tema. Obteve-se como resultado de busca bibliográfica a documentação necessária para a contextualização do estudo como artigos em periódicos científicos, eventos, livros, legislação específica, a partir do uso da biblioteca e de bases de dados nacionais que poderão ser visualizados a partir dos apêndices ao final do trabalho.

A entrevista teve quatro perguntas diretas e com certa relação entre si, ordenadas para as pautas assinaladas, ou seja, para a *responsabilidade diretiva do entrevistador de tornar e por em pauta o assunto*¹¹. A entrevista valeu-se da técnica de análise do conteúdo para interpretação dos dados coletados. (seção 4)

Para Bardin (2011, p.36), a análise de conteúdo “[...] é um método muito empírico, dependente do tipo de *fala* a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.” Nesta perspectiva, adota-se a análise de conteúdo como uma técnica que pode mediar esta análise sobre o discurso dos diretores/gestores que será melhor abordado no plano de análise a seguir.

3.7 Plano de análise e apresentação dos resultados

A análise de conteúdo para entrevistas será dividida em dois níveis principais, conforme a sugestão de Laurence Bardin (2011). “O primeiro nível consiste num processo de *decifração estrutural* centrado em cada entrevista.” (BARDIN, 2011, p. 95).

¹¹ Adaptado de: “É a responsabilidade diretiva do professor em tornar a por em pauta o assunto.” (SHOR; FREIRE, 1986, p.98).

O segundo nível consiste no estabelecimento das regras de categorização. “Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros.” (BARDIN, 2011 p. 149). Todas as etapas, incluindo os dois níveis da análise descritos acima são apresentadas na listagem seguinte, adaptadas de Bauer e Gaskell (2010, p.215):

- a) identificação do sujeito da pesquisa, seleção dos entrevistados³ e formulação da pauta da entrevista;
- b) definição do processo de decifração estrutural;
- c) definição das regras de categorização;
- d) teste de fidedignidade e validade;
- e) categorização/classificação (tabela1);
- f) análise das distribuições de frequência de todas as categorias.

3.8 Aplicação do plano de análise

Nessa subseção mostram-se as etapas de aplicação do plano de análise. Primeiramente identificação dos sujeitos da pesquisa (subseção 3.3), foi feita a seleção dos entrevistados para aplicação do instrumento das entrevistas com as pautas formuladas (APÊNDICE B). A partir das falas dos gestores destas escolas se quis inferir pelas entrevistas como estes concebem a biblioteca escolar. Definiu-se o processo de decifração estrutural, ou seja, centrado em cada entrevista, onde as respostas foram gravadas e, filmadas e transcritas das falas, integralmente, para um melhor entendimento e para facilitar o processo de construção do referencial de codificação. Nessa parte da aplicação do plano foram definidas as regras de categorização pela classificação dos elementos em categorias (tabela 1). Segundo Gaskell e Bauer (2000, p.475) “[...] a fidedignidade e a validade são critérios empregados para avaliar até que ponto um indicador empírico específico representa um construto teórico, ou hipotético especificado.” (BAUER, GASKELL, 2000, p.475). Assim tirou-se como critério de fidedignidade a concordância nas ocorrências de palavras específicas pelas respostas das entrevistas (significados), e para a validade, os autores descrevem que “[...] o critério de validade de construto, que se

³ Os entrevistados terão sua identidade preservada, bem como a instituição a que servem, segue o documento de apresentação deixado uma cópia a cada um dos gestores (Apêndice A).

refere entre às relações entre os resultados do teste e o referencial teórico que cerca o conceito.” (BAUER, GASKELL, 2000, p.476). A validade então foi por pelas relações dos resultados dos dados empíricos, ou seja, as respostas das entrevistas pela análise, com o referencial teórico a cerca do conceito biblioteca escolar. Sendo assim foi selecionado para inclusão no corpo textual somente as respostas significativas para o alcance dos objetivos (seção 4). Os dados qualitativos foram analisados através de seu significado e relevância e expostos no formato de texto, de acordo com os objetivos traçados (seção 4). Todos foram analisados a partir da literatura indicada no referencial teórico.

A análise e apresentação dos resultados pelos processos de análise das entrevistas, os procedimentos e as regras poderão ser verificadas no capítulo quatro.

3.9 Limitações do estudo

Como todo trabalho de pesquisa bibliográfica e documental, este se desenvolveu a partir de um recorte da literatura. Portanto, e por tratar-se de pesquisa qualitativa, os dados não poderão ser generalizados.

Mencionou-se na pesquisa escolas que não possuem biblioteca (subseção 3.3), pois a ausência desta pode significar questões pertinentes ao papel da biblioteca escolar (ou a falta dele) nestes locais.

Por conseguinte, este estudo não teve limitações e sim motivações possíveis de se tornar uma rede de bibliotecas escolares.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

A entrevista valeu-se da técnica de análise do conteúdo para interpretação dos dados coletados. Dessa maneira nesse capítulo (Cap. 4) analisa-se análise as falas dos gestores das escolas (E.A; E.B; E.C; E.D; E.E), de ensino fundamental para educação de jovens e adultos - EJA. Desta maneira propõe-se discutir sobre as categorias (Cat.1, Cat.2, Cat.3, Cat.4 e Cat.5) obtidas do processo de decifração das transcrições das falas dos gestores escolares em relação a biblioteca escolar que pode ser visualizado na a seguir.

4.1 Categoria 1 - Biblioteca Escolar enquanto espaço educativo

Nessa categoria (Cat.1), sobre: “biblioteca escolar enquanto espaço educativo” tem-se a análise da fala dos gestores escolares apresentando duas concepções distintas: o respondente (E.A) definiu a biblioteca como “corpo”, parte, pertencente a um todo, já o com o respondente (E.B) como “centro do processo”:

*[...] eu vejo a biblioteca como **parte do corpo da escola**, [...] **mais um elemento pra contribuir** pra que esse aluno tenha vontade de ler que ele tenha vontade de pesquisar (E.A). (grifo nosso).*

Na primeira discussão, sobre a biblioteca escolar enquanto espaço educativo, como parte do ‘*corpo da escola*’ (E.A), é dito:

*[...] A biblioteca pra nós é **o centro do processo dentro da escola como recurso** [...] saber que aquele **espaço é de aprendizagem** que eles devem saber que aquilo ali é um **espaço** onde que poderão aproveitar para **conhecimento** [...]a biblioteca é fundamental, tanto que [...] **pesquisar**, porque tem **várias atividades** que o professor coloca ali, eles fazem a hora do conto, é feito pelos professores a pesquisa, tem acesso aos vídeos, também fazem fotos dos espaços e passam para a biblioteca e se trabalha em nível de montagem que é um projeto que a escola atende, **ou para conversar**, também utilizam muito.(E.B). (grifo nosso).*

Na segunda discussão com o respondente (E.B) a biblioteca escolar enquanto espaço educativo é o ‘*centro do processo*’ (E.B). Porém, para Morais (2009):

Somente fazendo parte do contexto pedagógico, a biblioteca poderá efetivar seu papel dentro da escola, não só apoiando o trabalho do corpo docente, mas também atuando como um espaço que estimule o conhecimento e o entendimento dos fatos, especialmente os fatos sociais que, explícita ou implicitamente, exigem leitura de mundo. (MORAIS, 2009, p.136).

Desta maneira este recurso biblioteca pode contribuir mais com a formação do educando no decorrer de sua trajetória escolar. O que pode ser mais bem percebido pela discussão seguinte (E.C) onde:

*[...] A biblioteca é **um dos setores mais importante da escola** (E.C).(grifo nosso).*

O primeiro dos respondentes (E.C) coloca que a biblioteca é o setor mais importante da escola, ou seja, entende-se que para este gestor a biblioteca escolar, tem uma identidade educativa, enquanto espaço educativo que ela torna-se essencial, ou necessário à escola.

*[...] A Biblioteca é **um espaço** que tem como objetivo principal **incentivar** o gosto pela leitura e **proporcionar** momentos para que isso aconteça dentro do próprio espaço escolar (E.D). (grifo nosso).*

O segundo respondente (E.D) se refere a biblioteca escolar enquanto espaço educativo para alunos da EJA em incentivo a leitura, também proporciona para que isso aconteça para a educação de jovens e adultos.

No entanto ainda que as falas acima denotem conclusões já discutidas pela literatura a análise veio mostrar a biblioteca “enquanto espaço” presente nas escolas, embora deixe lacunas em relação ao seu espaço educativo, colocam as discussões que existe alguma maneira de acesso, o que confere com Campello (2009) ao colocar que:

Democratizar o acesso à informação, capacitar as pessoas para o uso crítico da informação, proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias por meio da leitura são ações constantemente recomendadas para o bibliotecário e, no bojo dessas ações, a biblioteca escolar é vista como espaço privilegiado para seu desenvolvimento. (CAMPELLO, 2009, p.21)

No entanto, nesta última discussão, a biblioteca escolar assume-se não somente um espaço físico, mas igualmente um espaço relevante.

*[...] Nossa ela é de **fundamental importância**, a biblioteca não é só um local de pesquisas de ler livros, **tem projetos [...] é um espaço que pode mudar, tudo não é? Toda a visão que um aluno tem da escola dentro de uma biblioteca (E.E).** (grifo nosso).*

Esta discussão confere as falas anteriores, além de inserir-se na colocação de Silva, M. (2004) que descreve a biblioteca enquanto espaço pedagógico onde: “Se antes o ensino tinha uma estrutura rígida, onde o professor era a autoridade detentora de todo saber [...] com a evolução do campo educacional esta idéia vai sendo gradualmente alterada e a biblioteca escolar assume outro contorno.” (SILVA, M., 2004, p.12).

Nas discussões posteriores sobre as percepções dos gestores em relação às bibliotecas escolares para a educação de jovens e adultos (EJA) se percebe pela investigação na categoria dois (Cat.2) concepções sobre as ações, além da relação currículo/biblioteca escolar a seguir.

4.2 Categoria 2 - Ações que refletem a relação do currículo e a biblioteca

Sobre estas “ações que refletem a relação do currículo com a biblioteca”, a qual se insere na discussão em: *como a Biblioteca Escolar pode contribuir com melhorias curriculares para a educação de jovens e adultos?*

*[...] **deveria abranger outras as áreas do conhecimento que tivessem, vinculada a um projeto de todas as disciplinas, geralmente, é o que acontece nas escolas (E.A).** (grifo nosso)*

Essa discussão anterior vem ao encontro da dimensão pedagógica da biblioteca escolar onde Ely (2004) coloca que “[...] As orientações, neste uso, deverão ser realizadas pelo bibliotecário escolar juntamente com os professores das diferentes áreas do currículo.”

A discussão deste primeiro respondente (E.A) sobre ações que refletem na relação currículo e biblioteca vem corroborar com o estudo de Ludke (2009) sobre a pesquisa na educação onde o “atual cenário social, ensejando outras formas de

conceber a organização do tempo e do espaço escolar e, em consequência, do seu currículo [...] Discutem alguns pressupostos pedagógicos apoiados em autores que estudam o cotidiano escolar e o currículo para justificar a opção por ensinar e aprender a partir do desenvolvimento de projetos de investigação.” (LUDKE, 2004, p.4).

[...] todos os espaços da escola, todos os projetos da escola tem o objetivo o apoio pedagógico, então a biblioteca ela é fundamental para que o aluno consiga utilizar este espaço, para poder complementar alguns, alguns conteúdos, alguns conhecimentos de sala de aula (E.B). (grifo nosso)

A percepção deste segundo respondente soma-se a ao que disse Fragoso (2002, p.127,..., alínea b) em que os “ideais de uma biblioteca escolar, estariam implícitos em seus objetivos como instituição” e prossegue a autora, em “[...] cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar.” Desta maneira como forma de contribuição para a cooperação, igualmente, contempla a percepção do respondente (E.C) a seguir:

[...] ela contribui, desde cedo, para a questão da literatura, ela é importantíssima, porque quem lê tem muito mais facilidade de entendimentos das coisas, os professores questionam a interpretação [...] o aluno que lê vai interpretar qualquer texto com a maior facilidade. (E.C). (grifo nosso).

A percepção do terceiro respondente em que a biblioteca escolar em ações reflete a relação do currículo com a biblioteca, neste caso, aproxima-se do que disse Fragoso (2002) que ler é despertar emoções e sentidos; além de realizar ações e promover a leitura, onde:

Oferecer atividades em diversos campos da arte, como a mímica, a dramatização, a pintura; eis algumas das ações que bibliotecários escolares podem e devem empreender no recinto da biblioteca ou fora dela, mas sempre em consonância com o currículo e coadjuvando o trabalho do corpo docente. (FRAGOSO, 2002, p.129).

Por conseguinte para Fragoso (2002) a tarefa dos gestores é tornar a biblioteca da escola um lugar agradável, dinâmico e harmônico para o seu público, “seja qual for sua faixa etária, ou a posição deste na hierarquia da escola.”

*[...] No momento em que **proporciona o gosto pela leitura, o aluno tem a possibilidade de desenvolver a capacidade criativa, melhora a leitura, a interpretação o que vem conseqüentemente a colaborar com todas as disciplinas do currículo** (E.D). (grifo nosso).*

Nesta percepção do respondente quatro (E.D), evidencia por meio das ações para a relação currículo e biblioteca que deve proporcionar e possibilitar, desenvolver, interpretar e colaborar com todas as disciplinas do currículo. O que confronta com a colocação de Martins e Trindade (2011) em que:

A biblioteca escolar ideal tem como fundamento principal apoiar a missão institucional da escola onde se insere, **principalmente desenvolvendo experiências interdisciplinares de aprendizagem e abordando os conteúdos do currículo**. Desta maneira, **deve estar plenamente integrada ao processo pedagógico, favorecendo a autonomia e a responsabilidade dos alunos em suas aprendizagens**. Com isso atinge o principal **objetivo da educação moderna: formar [...] perfil crítico e competência para continuar aprendendo constantemente**. (MARTINS; TRINDADE, 2011, p.5-6). (grifo nosso).

Nesta percepção a biblioteca escolar integrada ao processo pedagógico, para desenvolver experiências interdisciplinares, e com isso abordar os conteúdos do currículo, visto por Martins; Trindade (2011) soma-se a discussão do quinto respondente (E.E) em que se destaca “melhorias curriculares” às ações que possam refletir a relação do currículo com a biblioteca para o ensino de jovens e adultos (EJA) em que:

*[...] **Melhorias curriculares, eu acho que se ela tá trabalhando com o aluno, tem contato mais direto com o aluno ela pode ver as necessidades que o aluno tem que não consta no currículo da escola, a questão até de preparação para o trabalho, o que eles estão precisando, dentro da comunidade, quais as necessidades que tem [...] melhore a qualidade de vida deles dentro e fora da escola. O currículo é mais abrangente eu tenho que preparar meu aluno pra vida, pra vida fora da escola, eu acho que a biblioteca, nesse ponto, tem muitas condições de mudar o currículo, de ver onde estão as falhas e auxiliar nesta transformação**. (E.E). (grifo nosso).*

Visto anteriormente na discussão do respondente (E.E) sobre as ações que refletem a relação do currículo com a biblioteca escolar para o ensino de jovens e

adultos, que a biblioteca escolar pode melhorar o currículo e a qualidade de vida das pessoas, atender as necessidades dos alunos por meio do que não está explícito no currículo da escola, inclusive ver suas falhas e auxiliar nesta transformação.

Embora, para a maioria das bibliotecas escolares cabe à realidade dada por Berg (2011) que “[...] A biblioteca escolar é um assunto ignorado em projetos pedagógicos e em currículos escolares.” (BERG, 2011, p.6).

4.3 Categoria 3 - Papel educativo da Biblioteca Escolar

A análise seguinte pela categoria três (Cat.3) discute o “papel educativo da biblioteca escolar” e questiona sobre: quais as funções que podem ser identificadas em relação ao papel educativo da biblioteca escolar para a educação de jovens e adultos.

*[...] Na minha **concepção parte de apoio educativo da biblioteca** [...] para pesquisar porque a maioria vem direto do serviço [...] **abrir esses espaços para ele interferir, não é uma prática muito comum, se faz alguns projetos tipo a hora da leitura, a hora do conto, a sacola literária, que eles levam para a sala de aula, mas começa o projeto e parece que ele não tem muita continuidade, começa, mas não chega ao final entendeu, não chega ao objetivo que tinha que propor.** (E.A). (grifo nosso)*

Na concepção do respondente (E.A) na discussão sobre o papel educativo da biblioteca escolar serve para apoiar, porém coloca que o aluno não costuma interferir neste espaço, deve-se a isso na percepção deste gestor escolar porque existem projetos que incentivam a prática de leitura, e que os projetos não tem continuidade e desta maneira não atinge o seu objetivo.

*[...] **O papel da biblioteca é um papel educativo, ela tem esse objetivo, então ela não serve como, um depósito de livros ela serve como alguma coisa em ação que se utiliza, do conteúdo, dos recursos da biblioteca, com o objetivo de conhecimento, de aperfeiçoar o conhecimento do aluno.** (E.B). (grifo nosso)*

A discussão deste respondente (E.B) aproxima-se da realizada por Morigi (2002, p.1) onde “[...] a biblioteca é um **locus privilegiado** do debate, uma esfera de discussão política e uma instituição responsável pela democratização da informação.” (MORIGI, VANZ, GALDINO, 2002, p.1).

O segundo respondente coloca que a biblioteca tem um papel educativo e serve como algo em ação, de utilidade, com conteúdos e recursos para o conhecimento.

[...] Então é de fundamental importância o papel da bibliotecária na biblioteca. Não adianta a biblioteca ficar fechada, os alunos ficam lá esperando, pouco adianta, ela tem que sair ir para sala de aula para fazer a hora do conto e promover os livrinhos que a biblioteca tem. (E.C).

Este terceiro respondente deixa implícita a falta de um profissional na biblioteca, pois é comum o bibliotecário [professor] que está na biblioteca ter que suprir a falta de outro em sala de aula.

*[...] o papel da biblioteca é usada pra leitura e, também **contação de histórias, trabalhos no data show com crônicas** (E.D). (grifo nosso)*

O respondente quatro coloca que o papel educativo da biblioteca é para o uso da leitura, também de interação, pois tem contação de histórias, além da oportunidade de acessos a vários materiais. Dá-se continuidade na discussão sobre o papel educativo da biblioteca escolar para a educação de jovens e adultos (EJA) se nesses trabalhos que são feitos a noite com a turma da EJA, o material informativo demonstra que a biblioteca, contribui.

*[...] Com toda a certeza e **se percebe que a atração pela leitura é bem maior quando é oferecido e quando é oportunizada a eles uma variedade de materiais para que eles escolham de acordo com o gosto** não é? Importante que eles leiam. (cont.resp.E.D). (grifo nosso).*

Pereira (2006) salienta que o papel da biblioteca como um espaço privilegiado na escola, onde acontecem os encontros entre leitores e os registros do conhecimento. Para a autora:

É nesse espaço, também, que pode se estabelecer o diálogo entre indivíduos que compartilham informações, impressões, experiências. É importante que esse local seja agradável e ofereça condições para a interação entre os sujeitos e para a apropriação de informações por parte dos leitores. Quanto maiores as oportunidades de diálogo, tanto melhores serão as trocas de experiências. Quanto maiores as

oportunidades de leitura, maiores serão, também, as possibilidades de se formar leitores autônomos. (PEREIRA, 2006, p.45)

Sobre participações, interações e relações coloca-se nesta análise a importância de uma consciência crítica para almejada autonomia para o papel educativo da biblioteca escolar pela definição de Freire (1986). Destaca-se o papel educativo das bibliotecas escolares a contribuição pela aplicação efetiva da Lei 10.639/03¹², embora a lei descreva que o lugar para a mudança das práticas educativas são as salas de aula, entende-se que a biblioteca escolar ao procurar interpretar, ou contextualizar o conhecimento daquela (sala de aula), também deve apresentar-se para a promoção da educação nas relações étnico-raciais.

Desta maneira, como exposto anteriormente na subseção 2.2, com vistas a intervenção pelo Sistema CFB/CRB (2011) que exige a permanência do papel educativo da biblioteca, interpreta-se que ela seja vista enquanto um instrumento da educação, por conseguinte, exigir é reclamar em função de direito legítimo que a biblioteca escolar se apresente, igualmente nos fazeres da escola em suas diretrizes para que este espaço [biblioteca escolar] se constitua efetivamente.

Deve-se a essa contribuição para a intervenção os estudos feitos por (OEA, 1985; GARCEZ, 2009; MANIFESTO IFLA, UNESCO, 2000; CAMPELLO, 2003, SILVA, M., 2004, CFB, CRB, 2011), e outros que foram mencionados no corpo do trabalho.

Importante colocação para esta análise de percepções sobre as bibliotecas escolares, neste caso, com os gestores das escolas de educação de jovens e adultos é de que em momento algum fizeram alguma colocação de entendimento que existe a Lei 12.244/10 sobre a universalização das bibliotecas.

4.4 Categoria 4 - Funções da Biblioteca Escolar

Pela categoria quatro (Cat.4) se quer perceber as “funções da biblioteca escolar à educação de jovens e adultos”, além disso, esta parte da discussão visa também atingir os objetivos deste estudo em que deve: levantar propostas relativas às ações à serem desenvolvidas na relação currículo/biblioteca e, com isso propor

¹² BRASIL. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no Currículo oficial da rede de ensino. Brasília, DF.: DOU, 2003.

estratégias educativas a partir das falas dos gestores escolares a serem desenvolvidas nas bibliotecas (grifo nosso) em:

[...] Criar projetos com outras áreas de conhecimento que não seja só da linguagem. Ah! E os bibliotecários passarem nas salas de aulas, se fizerem conhecidos, porque em alguns lugares a biblioteca, às vezes, é aquele cantinho lá no fundo do pátio, ou no andar de cima que os alunos mal veem [...] interagir mesmo de se fazer presente, de se fazer popular entre os alunos [...] pegar nem que fosse um gibi, nem que fosse um livro de arte, ou de fotografia. Isso seria um espaço ideal à biblioteca. (E.A).

A biblioteca escolar possui as funções educativa e cultural (FRAGOSO, 2002; CAMPELLO, 2003, 2011; GARCEZ, 2009).

[...] a função é do conhecimento do aluno, para que ele possa realmente ampliar os conhecimentos deles de vida e, cultural. O papel educativo [...] que eles possam modificar alguma coisa, ou rever conteúdos, ou rever novos conceitos, ou visualizar o mundo de outra maneira (E.B)

Na função de conhecimento que possa rever conceitos, ou visualizar o mundo de outra maneira, apresentam-se as definições de Nunes (2010) sobre cidadania e multiculturalismo. Prossegue a autora que é nas afirmações e no reconhecimento em que a pluralidade tem como base os valores, e que a diversidade e a cultura não acontecem de maneira natural. Para a autora “[...] exigem uma esfera pública discursiva para que não só se reconheça as diferenças, mas se avalie as demandas e a maneira ética e moral para se proteger e estimular estas múltiplas identidades.” (NUNES, 2010, p.38).

Dá-se continuidade a fala do respondente (E.C) sobre funções da biblioteca escolar é de promoção da leitura, especificamente do material impresso.

[...] a função da biblioteca e da bibliotecária é incentivar, promover os livrinhos, novos que chegam que a escola compra e os que o governo dá. Fazer a propaganda daqueles livros é incentivar porque o aluno tem o interesse em ler. (E.C).

Entende-se que uma biblioteca, também deva fazer a promoção de seu acervo (marketing), além de divulgá-lo para atrair seu público, além de incentivá-los à leitura, no entanto para esta interpretação da fala do respondente (E.C) ampara-se

na descrição dada por Campello (2009) sobre o foco da função educativa da biblioteca:

O foco na função educativa da biblioteca levou-nos, naturalmente, a nos preocuparmos com as deficiências da pesquisa escolar, estratégia didática que ocorre, ou deveria ocorrer, em grande parte na biblioteca, evidenciadas em diversos estudos da área de biblioteconomia, que enfatizavam o papel pouco relevante que a biblioteca escolar desempenhava no processo. (CAMPELLO, 2009, p. 12)

Para a autora “[...] foi confirmado por outros relatos do estado da arte da pesquisa sobre a função pedagógica da biblioteca, elaborados a partir do final da década de 1990.” (CAMPELLO, 2009, p.86).

[...] as funções, eu vou ser meio repetitiva porque na verdade a função da biblioteca é desenvolver o gosto pela leitura, oportunizar material necessário e ao mesmo tempo, não só necessário, mas atrativo para todas faixas etárias, outra função é ter seu tempo destinado a desenvolver este trabalho, [...] de laboratório de aprendizagem. (E.D)

De acordo com Soares (2004, p. 19-20 *apud* CAMPELLO, 2009, p.110)¹³ é pelas condições à leitura que acontece a distribuição equitativa “[...] chama de democratização cultural, que consiste no oferecimento de condições para a leitura, quando se propicia a distribuição equitativa das possibilidades de leitura e do direito à leitura.”

[...] funções da biblioteca é um ponto de pesquisa, lógico, mas ela também é um local onde o aluno pode e deve ir para buscar outros objetivos, outras metas, criar novas possibilidades porque a biblioteca não pode ficar presa naquela coisa de emprestar livros, orientar trabalho de pesquisa, não. [...] A biblioteca tem que fazer um trabalho fora, trabalho que envolva os alunos e a comunidade, então ela faz um trabalho de contestação também porque a biblioteca não pode ser um ambiente parado, estático [...] tem um momento que eles se reúnem, conversam, sem atrapalhar aquele silêncio na biblioteca, ela é um espaço aberto, tem que ser um espaço aberto, não pode ser uma coisa muito fechada não. (cont. resp. E.E).

¹³ SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A. *et al.* Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: CEAL/Autêntica, 2004. p. 17-32.

4.5 Categoria 5 - Cultura e Ação Cultural na Biblioteca Escolar

Na categoria cinco (Cat.5) devido ao número de ocorrências de expressões, ou palavras identificadas nas falas da maioria dos gestores, sobre a cultura por meio das bibliotecas escolares.

Desta maneira questiono se a função da biblioteca escolar é interagir para o ensino de jovens e adultos (EJA), onde os respondentes colocam que:

[...] a escola, a biblioteca é um espaço cultural, tira aquela coisa que a biblioteca é muito limitada, então a nossa biblioteca tem este objetivo de ser um espaço cultural, de estar sempre em ação, onde os alunos poderão utilizar e o professor, também. Está à disposição do professor também, e o próprio bibliotecário está fazendo uma formação, lógico com os professores, para mostrar como se trabalha com internet, como se procura sites, recursos para que o professor possa orientar melhor os alunos nas salas de aula. (E.B).

Além de sua função educativa, a biblioteca escolar possui também uma função cultural, visto que nela pode-se encontrar diversos tipos de livros, literários ou não, que contribuem com a formação intelectual e cultural do sujeito. (GUIMARÃES, 2010).

[...] Promoção cultural sempre que é possível fora da escola, a bibliotecária está sempre atenta, mas dentro da escola é feita pela biblioteca. Tem festa, tem feira, vamos, uma ou duas vezes por ano no teatro e, na feira do livro, também sempre se leva os alunos, na feira do livro de Gravataí, além da feira do livro promovida pela biblioteca uma vez ao ano. (E.C)

Superar a concepção compensatória de educação de pessoas adultas não implica, porém, negar que há desigualdades educativas a serem enfrentadas. Assim, por impulsos diversos, a Educação de Jovens e Adultos é convidada a reavaliar sua identidade e tradição, reelaborando os objetivos e conteúdos de formação política, privilegiando a formação de sujeitos livres, autônomos, críticos, abertos à mudança, capazes de intervir em processos de produção cultural que tenham alcance político. (PEDROSO, 2008).

Por conseguinte, Lima (2005) reflete sobre o diretor e a instituição, embora o trabalho da autora não estivesse restrições aos países em desenvolvimento, mas igualmente aos países ditos desenvolvidos, descreve-se nesta análise algumas passagens abordadas pela autora por se considerar atual à discussão aqui proposta.

Segundo a autora a posição do diretor em sua função é o de “mediador das relações entre o professorado, os órgãos normativos e fiscalizadores do sistema educacional.” O que em sua opinião, no “microsistema, da Unidade Escolar, o diretor pode criar, permitir, ou tolerar a abertura de novos espaços necessários à transformação do cotidiano escolar.” (LIMA, 2005, p.124).

No entanto, se faz aqui algumas colocações sobre a análise de conteúdo, ou seja, sobre que forma esses resultados podem ajudar os gestores a ter a biblioteca no centro do processo. Então, se considera para isso as colaborações e contribuições das áreas, que são elas de âmbito institucional acadêmicas, com a instituição pública governamental. Porém, também sobre os usuários das bibliotecas que são os alunos. Nesse caso sobre a forma que a biblioteca pode fazer com que eles sejam autônomos, ampara-se no legado do educador Paulo Freire. Desde sua visão pedagógica numa pedagogia de possibilidades, desde a autonomia dos sujeitos, a liberdade, a leitura de mundo, contextualizando a realidade dos sujeitos envolvidos, nesse aspecto, os alunos da educação de jovens e adultos – EJA, para que eles possam participar do ato pedagógico, além da construção de seus próprios significados e com sua própria cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi elaborado a partir da proposta de análise de como os gestores de escolas públicas de ensino fundamental de educação de jovens e adultos (EJA) compreendem o papel educativo das bibliotecas escolares. Seguindo para a questão de que maneira esses gestores percebem a função educativa das bibliotecas escolares.

Nesse sentido, tentou-se inferir como estes gestores veem a biblioteca escolar: se ela é percebida por eles, como um instrumento de educação, ou concebida, enquanto um espaço de apoio educativo com limites de atuação, um complemento da escola.

Dessa maneira acredita-se que sejam necessárias algumas considerações: a primeira consideração diz respeito à necessidade de que se apresente a biblioteca para a escola; isso porque para a maioria dos respondentes não existe uma concepção única do que pode ser uma biblioteca escolar: embora percebida, ela não consegue explorar todo o seu potencial, como bem mais do que mero recurso físico, do que espaço escolar ou do que coração da escola. Visto que, a maioria dos respondentes, considerou a biblioteca de importância fundamental, então, se pode inferir que a biblioteca escolar poderia ser algo central, o cérebro da escola. Segundo: sobre a biblioteca escolar ser, ou ter espaços de atuação, de ação social, ou cultural. Identificou-se por meio das falas desses gestores de escolas de ensino fundamental que, mesmo percebida, ainda falta ser contemplada por meio do currículo da escola, seja por meio das disciplinas básicas, ou por meio das ações para ampliar, ou promover esse conhecimento. Acredita-se que esse conhecimento não está somente nos livros do acervo da biblioteca escolar: entende-se que o uso da biblioteca proponha relações e interações que produz, interpreta e relaciona os vários conhecimentos. Terceira consideração é a respeito do profissional que atua nessas bibliotecas escolares: sobre este assunto identificou-se nas falas da maioria dos gestores justificativas de que os “bibliotecários” que lá estavam, embora sem a habilitação da área, são realmente qualificados e habilitados para lá estarem. Nesse sentido é importante pontuar que os professores deslocados para essa função (o que já reflete o descaso e a ação ilegal do Estado ignorando a existência da lei regulamentadora) tentam suprir as dificuldades por meio de seus esforços com

dedicação e coragem, o que, infelizmente nem sempre garante a melhor utilização da biblioteca. Também não se pode deixar de considerar que outras bibliotecas apresentam dificuldades, mas como foi mostrada no estudo a questão de urgência é para a biblioteca escolar do ensino fundamental, o que soma no descaso da própria educação básica com o percentual atual de milhões de analfabetos brasileiros.

Embora não seja a intenção desse estudo discutir as dificuldades de cada biblioteca, nem impor dúvidas sobre a competência, ou a habilidade desses professores, nem desconsiderar que a presença deles na biblioteca escolar tenta suprir as necessidades. Por conseguinte, um professor emprestado, ou licenciado na biblioteca escolar, certamente irá substituir o professor na sala de aula. No entanto, se lá estiver o profissional da área habilitado para este fim [na biblioteca escolar], não vai substituir nenhum professor no ambiente escolar [sala de aula], dessa maneira, também contribui na valorização, de ambos os profissionais [professores e bibliotecários] para que o governo, nesse caso o municipal, venha investir na contratação desses profissionais e com isso qualificar o ensino público dando mais acessos à educação que é um direito irrefutável.

Embora, o profissional habilitado, mesmo com suas competências e habilidades, também deva se preparar bem mais para atender às demandas exigidas para o ensino fundamental de educação de jovens e adultos, nesse sentido, preparar-se para compreender, a realidade social que está inserida nesse público específico, igualmente as suas singularidades e complexidades.

Entendem-se aqui as bibliotecas escolares públicas de ensino fundamental como necessárias para qualquer concepção de ensino, devendo servir de instrumento de desenvolvimento no contexto educacional, cultural e social. Assim, a biblioteca escolar responde duas implicações: a primeira deixará de ser uma necessidade tornando-se efetiva para o ensino básico, ou fundamental. A segunda implicação é de que se percebida como instrumento de desenvolvimento educacional, a biblioteca escolar será efetivamente concebida como um *locus* de aprendizagem permanente.

No entanto, para que a Biblioteca Escolar seja concebida como instrumento Pedagógico em seu papel e função educativa, ela tem que ser fortalecida enquanto instrumento institucional, o que reforça a necessidade de interlocução e colaboração com as áreas envolvidas: a Ciência da Informação e a Pedagogia. O que significa que tanto as instituições acadêmicas, da área da biblioteconomia e, ou da Ciência

da Informação que tem em seus projetos políticos-pedagógicos estudos voltados às bibliotecas escolares, quanto instituições de natureza pública governamental, nesse sentido, os governos dos municípios, devem refletir, mas efetivamente, agir ao munir-se de ações urgentes na realização de um projeto-pedagógico em rede para as bibliotecas escolares municipais.

Por fim, a Biblioteca Escolar deve tornar-se um instrumento da Educação de forma que possa utilizar a leitura, a leitura de mundo, seja em meio físico ou digital, para uma formação integral do indivíduo. Um instrumento que ultrapasse o espaço físico da escola e da sala de aula por meio de sua função ou utilidade, instrumento de aprendizagem presente e contínuo pela biblioteca escolar, também de ação cultural e social permanentes, geradora de valores solidários e vínculos sociais saudáveis, tão importantes no ambiente escolar.

Dessa forma, a Biblioteca Escolar, será percebida, como um *locus* do desenvolvimento individual e coletivo, condizente com as demandas de informação atuais, tendo no processo pesquisa/descoberta/compartilhamento de informação para a aprendizagem, ou conhecimento como função essencial e campo de atuação.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio: Graal, 1983.

ANPED. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Documento: por um Plano Nacional de Educação (2011-2020) como Política de Estado. Rio de Janeiro: Armazém das Letras., 2009. 144p. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/files/PLANO%20NACIONAL%20Portal.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2011.

APPLE, M. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. Madrid, Ed. Akal/Universitária, 1986.

APPLE, Michael. **Maestros y Textos**: una economia política de las relaciones de clase y de sexo en educación. Barcelona, Paidós. 1989.

BAHIA, Cinara Ciberia Meireles. **A Formação do Pedagogo no Brasil**: o movimento de reorientação curricular proposto pelo Conselho Nacional de Educação a partir da lei 9.131/95, Paraíba: UFPA, 2009. Disponível em: < http://www2.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/cinara_meireles.pdf >. Acesso em: 15 out. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.

BARRETO, Jose Carlos. Educação de adultos na ótica freiriana. In: SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. 1986, Salvador: CREFAL, 1986. Disponível em: <http://www.paulofreire.ce.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Educacao_de_Adultos_na_otica_Freiriana.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 158 p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 516 p.

BEISEGEL, Celso Rui. **Estado e Educação Popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 59-67.

BERG, Katharina. Competências e Bibliotecas Escolares: entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo: FEBAB v.7, n.1, p.92-97, jan./jun., 2011. (Nova Série). Disponível em: < <http://www.febab.org.br/rbbd/index.php/rbbd/article/view/177/192>>. Acesso em: 28 set. 2011.

BERNSTEIN, B. **A Estruturação do Discurso Pedagógico**: classe, códigos e controle. Vozes: Petrópolis, 1996.

BICALHO, Lucinéia; OLIVEIRA, Marlene de. A Teoria e a Prática da Interdisciplinaridade em Ciência da Informação. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte: UFMG. V.16, n.3, p.47-74, jul./set., 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1245/892>>. Acesso em: 14 mai 2012.

BOWIES, Samuel e GINTIS, Herbert. **La Instrucción Escolar en la América Capitalista**. México: siglo XXI, 1981.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. (1970). **A Reprodução. Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Lisboa: Vega (trabalho original publicado em francês).

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF.: INEP, 1971. Disponível em: <<http://www.prolei.inep.gov.br/prolei/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

_____. **Lei nº. 12.244** de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a Universalização das Bibliotecas nas Instituições de Ensino do País. Brasília DF.: Casa Civil, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 1 mai. 2012.

_____. Ministério da Educação. **MEC**. Projeto de lei do plano nacional de educação: PNE 2011-2020 (projeto em tramitação no Congresso Nacional. PL nº. 8.035/2010). Brasília DF.: Edições Câmara, 2011. 106 p. (Série ação parlamentar; n.436). Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 30 set. 2011.

_____. Ministério da Educação. **MEC**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. SECAD. Documento Nacional Preparatório à Conferência Internacional de Educação de Adultos, 6., 2009. (VI CONFITEA). Brasília DF.: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009. 112p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13536%3Amateriais-didaticos&catid=194%3Asecad-educacao-continuada&Itemid=913>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. Ministério da Educação. **MEC**. Secretaria de Educação Fundamental. SEF. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série. V.1, Brasília, DF., : MEC, 2002, 148p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf> Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Ministério da Educação. **MEC**. Programa Nacional Biblioteca Escolar. PNBE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. FNDE. Plano Nacional de Biblioteca Escolar 2011: leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Brasília

D.F.: MEC, 2009. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/index.php/edital-pnbe-2011>>. Acesso em: 27 ago. 2011.

CABRAL, Alcides L.; FERREIRA, Cláudia R.; COLOMBI, Fabiani Cristini C. Currículo, Poder e Identidades. **Revista Contrapontos**. Brasília DF.: UNIVALI. V 2, n.4, 2002. Disponível em: < <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/138>>. Acesso em: 22 set. 2011.

CAMPELLO, Bernadete S. et al. **A Biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 64p.

_____. A Função Educativa da Biblioteca Escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. Belo Horizonte: UFMG, 2003. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1., 2003, Belo Horizonte: ANCIB. **Anais Eletrônicos**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: < <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/ENAN054.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2011.

_____. **Letramento Informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. Tese (Doutorado) – Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares. GEBE. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG/ECI, 2009. Disponível em: < <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/tese%20campello%202009.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2011.

CAMPELLO, B. S. O Movimento da Competência Informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF., v. 32, n. 3, p.28-37, set./dez. 2003.

_____. Perspectivas de Letramento Informacional no Brasil: práticas educativas de Bibliotecários em escolas de ensino básico. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v. 15, n. 29, 2010. p.184-208. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184/19549>> . Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. Práticas de Letramento Informacional em Bibliotecas Escolares Brasileiras: colaboração do Bibliotecário com os professores. 2011. In: CASTRO FILHO, C.M. de ; ROMÃO, L.M.S. (Org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. p.11-28.

CAREGNATO, Sônia E. O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

CASTRO FILHO, M. de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa (org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. 184p.

_____. , M. de; PACAGNELLA, J.N. Biblioteca Escolar Pública, Bibliotecário e
In: CASTRO FILHO, C.M. de ; ROMÃO, L.M.S. (Org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. p. 97-108.

CHAGAS, Magda. Outros Sentidos sobre Leituras e Leitores na Biblioteca Escolar.
In: CASTRO FILHO, C.M. de ; ROMÃO, L.M.S. (Org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. p.45-56.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **CFB**. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA. **CRB**. Projeto Mobilizador: biblioteca escolar rede de informação para o ensino público. PROMOBIFINAL, 2008. Brasília: CFB/CRB.. Disponível em:< [http://www.crb8.org.br/ UserFiles/ File/ Siste ma%20CFB_ CRB% 20Projeto%20Mobilizador.pdf](http://www.crb8.org.br/UserFiles/File/Sistema%20CFB_CRB%20Projeto%20Mobilizador.pdf)>. Acesso em: 27 ago.2011.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia**: dimensão social e educativa. Fortaleza: Ed. UFC, 1993.

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez. Brasília: MEC: UNESCO, 1998.

DUDZIAK, Elisabeth. **Information Literacy**: princípios, filosofia e prática, Ciência da Informação, Brasília, DF. V.32, n. 1, p. 23-35, jan/jun. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>>. Acesso em: 23 mai.2012.

ELY, Neiva Helena. Dimensões da Biblioteca Escolar no Ensino Fundamental. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis, v.8, n.1, 2003. [sem paginação]. Disponível em: <[http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb /article/view/405/510](http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/405/510)>. Acesso em: 20 ago. de 2011.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. RGS. Secretaria de Educação. **SEC**. Divisão de Educação de Jovens e Adultos. DEJA. Divisão Pedagógica. DP. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/eja.jsp?ACAO=acao1>>. Acesso em: 20 set. de 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. ANJOS, Margarida; FERREIRA, Marina B. (Coord.). **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.790.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. rev. ampl.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 1838p.

FLUSSER, Victor. O Bibliotecário Animador: considerações sobre sua formação. **Revista Escola de Biblioteconomia**. Belo Horizonte, v.11, n.2, p.230-236, 1982. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 27 set. 2012.

FLUSSER, Victor. A Biblioteca como Instrumento de Ação Cultural. **Revista Escola de Biblioteconomia**. Belo Horizonte, v.12, n.2, p.145-169, 1983. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 27 set. 2012.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.7, n.1, p.124-131, 2002. Disponível em: < <http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/380/461> >. Acesso em: 30 set. 2011.

FREIRE, Paulo R. N. **Extensão ou comunicação?** . 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93p. In: FÓRUNS EJAS BRASIL. Brasília, DF. : UnB, UFPB, UNESCO. Disponível em: < http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf>. Acesso em: 14 out.2011.

FREIRE, Paulo R. N. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.12-17. In: FÓRUNS EJAS BRASIL. Brasília, DF. : UnB, UFPB, UNESCO. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2011.

FREIRE, Paulo R. N. **Pedagogia do Oprimido**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 218 p.

FREIRE, Paulo R. N. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros Inscritos. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1981. 176p. In: FÓRUNS EJAS BRASIL. Brasília, DF. : UnB, UFPB, UNESCO. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/acao_cultural_para_a_Liberdade.pdf>. Acesso em: 18 set. 2011.

FREIRE, Paulo R. N.; SHOR, Ira. **Medo ou Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol.18, 1986. 116p. In: FÓRUNS EJAS BRASIL. Brasília, DF. : UnB, UFPB, UNESCO. Disponível em: < <http://forumeja.org.br/files/MedoeOusadia.pdf>>. Acesso em: 14 out.2011.

GARCEZ, Eliane F. **Pesquisa Escolar na Educação Básica**: discurso de bibliotecários catarinenses. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009. 320p. Disponível em: < <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/pesquisaescolar.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

GARCEZ, Eliane F. A Pesquisa Escolar a partir dos discursos de um Grupo de Bibliotecários atuantes em Bibliotecas Escolares em Santa Catarina. In: CASTRO FILHO, C.M. de ; ROMÃO, L.M.S. (Org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. p.57-78.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. 200p.

GIROUX, Henry A. (1981) **Ideology, Culture and the Process of Schooling**. Philadelphia, PA.: Temple University Press.

GIROUX,H; ARONOWITZ,S. As Ideologias sobre a Educação: repensando a natureza da Reforma Educativa (Com Stanley Aronowitz), **Journal of Curriculum teorização**, v.7, n.1, p. 7-38, 1987.

GONZALEZ, Leonize V. **Competências Informacionais e Educação de Usuários: um estudo com alunos da Educação de Jovens e Adultos: EJA do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Porto Alegre: UFRGS, 2009, 64f. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22715>>. Acesso em: 13 nov. de 2011.

GUIMARÃES, Janaína. **Biblioteca Escolar e Políticas Públicas de Incentivo a Leitura: de museu de livro a espaço de saber e leitura**. Dissertação (Mestrado). Presidente Prudente: UNESP, 2010. 116f. Disponível em:< <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/37393>>. Acessado em: 4 set. 2011.

HADDAD, Sérgio. **Estado e educação de adultos (1964-1985)**. 1991. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem. **Revista ACB: Associação Catarinense de Bibliotecários**. Florianópolis, v.4, n.4, 1999. p. 64-79. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/340/403>>. Acesso em: 30 set. 2011.

HERRING, James E. **School Librarianship**. 2.ed. London: C. Bingley, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/comparamun/compara.php?codmun=430920&coduf=43&tema=ind_soc_munic_censo2010&codv=v32&lang=>>. Acesso em: 04 out. 2011.

IFLA. INTERNATIONAL FEDERATION LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares**. VITORINO, Maria José (Trad.). IFLA, 2006. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2011.

_____. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. MACEDO, Neusa Dias (Trad.). São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/acb/manifesto_p_be.html#neusa>. Acesso em: 28 set. 2011.

KUHLTHAU, Carol. **Como Usar a Biblioteca na Escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 304p.

LIBÂNIO, José C. A Didática e a Aprendizagem do Pensar e do Aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. 2004. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: UCG, n. 27, 2004, 134 p. Disponível em: < http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE27/RBDE27_03_JOSE_CARLOS_LIBANEO.pdf> . Acesso em: 15 mai. 2012

LIBÂNIO, José C. Pensar e Atuar em Educação Ambiental: questões epistemológicas e didáticas. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, Geopolítica, globalización y cambio ambiental: retos para el desarrollo latinoamericano, XI, Bogotá, 2007. **Anais**,..., Bogotá: XI EGAL, 2007 (CD-ROM) [não paginado].

LIMA, Elvira Cristina de Azevedo Souza. **A Escola e seus Diretores**: algumas reflexões. N.12. [Série Ideias]. São Paulo: FDE, 2005, p. 117-124. Disponível em: < <http://www.sme.org.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-escola/coord-pedagogico/artigos/a%20escola%20e%20seu%20diretor%20-%20algumas%20reflexoes.pdf>> . Acesso em: 6 out. 2011.

LIMA, Elvira Cristina de Azevedo Souza. **Indagações sobre o Currículo**: currículo e desenvolvimento humano. Brasília, DF. : MEC, SEB, 2007, 56p. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag1.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2011.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA**: uma educação possível ou mera utopia?. São Paulo: CEREJA, 2005. 20f. Disponível em:< http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf> . Acesso em: 30 set. 2011.

MAIA, Graziela Z. A.; MANFIO, Aline. O Provimento do Cargo de Gestor Escolar e a Qualidade de Ensino: análise de publicações nacionais (1990-2005). Porto Alegre: UFRGS, vol.26, n.3, p.477- 492, set./dez., 2010. **Revista Brasileira de Política e Administração em Educação**. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19794/11532>>. Acesso em: 30 jan.2012.

MARTINS, Venício José. **As Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFITEAS) do século XX**: suas concepções e propostas. Belo Horizonte: CEFET, 2009. 194p. Disponível em: <<http://www.et.cefetmg.br/permalink/9f785d21-5869-11df-9c99-00188be4f822.pdf>> . Acesso em: 19 out. 2011.

MARTINS, Monique da Costa; TRINDADE, Michelle. Perfil das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de São José dos Pinhais (PR). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais Eletrônicos**...Maceió: CBBB, XXIV, FEBAB. 2011. Disponível em: < Disponível em: <http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/515/231>> Acesso em: 20 mai. 2012.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Informação para Educação: os novos cenários para o ensino fundamental. **Revista Informação e Sociedade**. João Pessoa: UFPB. V. 10, n.2, 2000, p.2-16. Disponível em :< <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php /ies/article /view/325/247>>. Acesso em: 24 ago 2011.

MAYLONE, T. M. **Introduction**. Library Trends, v.46, n. 4, p. 597-601, 1998 [Edição especial: Qualitative Research].

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção; biblioteca, centro de cultura**. 3 ed. ver. ampl. São Paulo: Ateliê, 1997.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. **Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 181p. Disponível em:< http://www.bibliotecadigital.ufmg.br /dspace/bitstream/1843/FAEC-84KPUC/1/disserta__o_elaine_cunha.pdf >. Acesso em: 28 set. 2011.

MORALES CAMPOS, Estela. La biblioteca Del futuro. In: LA BIBLIOTECA Del futuro. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Dirección General de Bibliotecas, 1996.

MORIGI, Valdir J.; GALDINO, Karina; VANZ, Samile Andréa de S. O Bibliotecário e suas Práticas na Construção da Cidadania. Florianópolis: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v.7, n.1, p. 135-147, 2002. In: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 21. **Anais eletrônico...** Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/ index.php/racb/article/view/390/480>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

MORO, Eliane L. da S.; ESTABEL, Lizandra B. (Org.). **Biblioteca Escolar: presente!**. Porto Alegre: Evanagraf/CRB10, 2011, p.35. Disponível em: <<http://bibliotecaescolarpresente.org.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

MUELLER, Suzana P. Machado. Bases a uma Política Educacional para as Bibliotecas Públicas: algumas considerações. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: APB,1982, vol.1, 117p.

MUELLER, Suzana P. Machado. **Literatura Científica, Comunicação Científica e Ciência da Informação**. p.125-144. In: TOUTAIN, Lídia M. B.B. (Org.). Para Entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. 242p. Disponível em: < <https:// repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf> >. Acesso em: 14 mai. 2012.

NEVES, Iara Conceição B.; MORO, Eliane Lourdes da S.; ESTABEL, Lizandra B. Currículo, Escola e Pesquisa: tríade da escolarização no processo do desenvolvimento humano e na construção do conhecimento. In: COLÓQUIO LUSO-BRASI

LEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 4., Florianópolis. 2008. **Colóquio Sobre Questões Curriculares, 8.**, 2008, Florianópolis: UFSC, 2008, 17p.

NEVES, Iara Conceição B. Bibliotecas; leituras, leitores, bibliotecários: abordagem da teoria à ação comunicacional de Adriano Rodrigues. In: CASTRO FILHO, C.M. de; ROMÃO, L.M.S. (Org.). **Dizeres Sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. São Paulo: Ed. Alfabeta, 2011. p.29-44.

NUNES, Erica Melanie Ribeiro. **Cidadania e multiculturalismo**: a Lei 10.639/03 no contexto das bibliotecas das escolas municipais de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG. 2010, 140p. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-87BK7N>>. Acesso em: 27 set. 2011.

OLIVEIRA, Marlene; ARAÚJO, Eliany A. de. **Os Paradigmas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e os Novos Contextos de Informação**. In: CASTRO, César A. (Org.). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDUFMA; EDFAMA, 2002, p.37-43.

PEDROSO, Ana Paula Ferreira. **Informação e prática pedagógica**: possibilidades e desafios no contexto da EJA. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 165p. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-7NXJWK>>. Acesso em: 28 set. 2011.

PENEDO, Yêda V. de Sousa. **De usuário a Cidadão**: o acesso à informação ambiental em bibliotecas escolares de Manaus. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2008.

PEREIRA, Andrea Kluge. **Biblioteca na Escola**. Brasília, DF.: MEC, SEB, 2006. 57p. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleit_biblio.pdf >. Acesso em: 9 fev. 2012.

POLKE, Ana Maria Athayde. A Biblioteca escolar e o seu papel na informação de hábitos de leitura. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte: UFMG. V.2, n.1, 1973, p.60-2.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATAÍ. **PMG**. Secretaria municipal de educação. **SMED**. Lista de Escolas Públicas Municipais. 2011. Disponível em: <<http://www.gravatai.rs.gov.br/site/secretarias/educacao/escolas.php>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

RIZZI, Ester G.; GONZALES, Marina; XIMENES, Salomão Barros. **Direito Humano à Educação**. 2 ed., atual. revisada. Paraná: Dhesca Brasil, Ação Educativa. V. 7, 2009 [col. Manual de Direitos Humanos]. 87p. Disponível em: < <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2381>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação: a questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Presença, 1990.

SALES, F. O Bibliotecário Escolar na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais**,..., Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 2005. 1 CD-ROM.

SARACEVIC, T. Information science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B.(ed.). *Conceptions of Library and Information Science: historical and theoretical perspectives*. In: International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. Finland, University of Tempere. 1991. London, Taylor Graham, 1992. **Proceedings**... London, p.5-27.

SILVA, Jonathas Luiz C. Perspectivas Históricas da Biblioteca Escolar no Brasil e Análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v, 16, n.2, p.489-517, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011635&dd1=ca4a3>>. Acesso em: 7 abr. 2012.

SILVA, Mônica do Amparo. Biblioteca Escolar e Educação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 3. Belo Horizonte, 2004. **Anais eletrônicos**... Belo Horizonte: UFMG/ECI, Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, 2004. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/323.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SILVA, Terezinha Elizabeth da. 30 Anos da Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. 2009. **Revista Tendências da Pesquisa em Ciência da Informação**, v.2, n.1, jan./dez., 2009, p. 29-37. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/14/36>> . Acesso em: 7 abr. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade: uma introdução às Teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 158p.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. 2 ed. São Paulo: Cortez, v.45, 1999. 119p.

SOUZA, Maria da Paixão N. **Abordagem Inter e Transdisciplinar em Ciência da Informação**, p. 75-90. In: TOUTAIN, Lídia M. B.B. (Org.). *Para Entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007. 242p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O ensino de Biblioteconomia no Brasil no discurso do bibliotecário participante nos CBBDs entre 1954 e 1982: apontamentos disciplinares para a construção do currículo do curso de Biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19.,

2000, Porto Alegre: FEBAB; PUC/RS, 2000. **Anais....**Porto Alegre: FEBAB; PUC/RS, 2000.

UNESCO. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 5., 1997, Hamburgo. **Declaração de Hamburgo**, Hamburgo: UNESCO, 1997, p.19–61. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imagens/0012/001297/129773porb.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 6., 2009, Pará, **Relatório Global**, Pará: UNESCO, 2009, 156p. Disponível em: <<http://www.unesco.org/pt/confinteavi/>>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____. **CONSTRUÇÃO COLETIVA**: contribuições à educação de jovens e adultos, 3. 2005. Brasília: UNESCO/MEC/RAAAB. 2005, 362p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imagens/0014/001432/143238por.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o Educador Brasileiro Autor do Termo Empoderamento, em seu Sentido Transformador**. Belo Horizonte: Física/UFMG. In: Programa Comunicarte de Residência Social, 2005/2006 [não paginado]. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2011.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos Históricos, Políticos e Sociais da Educação de Jovens e Adultos**: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Vol. 1, Brasília: UnB, 2004.

VILELA, Raquel Miranda. **Biblioteca Escolar e EJA**: caminhos e descaminhos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG. 2009, 136p. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-7X9JM8>>. Acesso em: 27 set. 2011.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

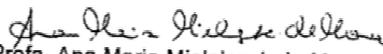
Of. n. 25/12-DCI

Porto Alegre, 02 de maio de 2012.

Prezados Senhores:

Informamos que MAGDA DE SOUZA AVILA, cartão UFRGS aluna do curso de Biblioteconomia, desta Faculdade, necessita realizar entrevistas com cinco Direções/Gestões escolares, no município de Gravataí, para o seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Atenciosamente,


Profa. Ana Maria Mielniczuk de Moura
Chefe do Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, nº 2705 – Campus da Saúde – 90035-007 – Porto Alegre – RS – Brasil
Fone 55 51 3308.5067 – FAX 55 51 3308.5435 – e-mail – fabico@ufrgs.br
www.ufrgs.br/fabico

APÊNDICE B - INSTRUMENTO DAS ENTREVISTAS

1 Pergunta (P1) - Enquanto espaço educativo como você vê a Biblioteca Escolar para a educação de jovens e adultos?

2 Pergunta (P2) - A Biblioteca Escolar como pode contribuir com melhorias curriculares para a educação de jovens e adultos?

3 Pergunta (P3) - Quais as funções que na sua concepção podem ser identificadas em relação ao papel educativo à Biblioteca Escolar para a educação de jovens e adultos?

4 Pergunta (P4) - Na sua concepção que atividades podem ser desenvolvidas na Biblioteca escolar para a educação de jovens e adultos?

APÊNDICE C – CATEGORIAS PELAS ENTREVISTAS**Tabela 1** – Categorização: classificação

CATEGORIAS	CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGÓRIAS
Categoria 1	Biblioteca Escolar enquanto espaço educativo
Categoria 2	Ações que refletem a relação do currículo e a biblioteca
Categoria 3	Papel educativo da Biblioteca Escolar
Categoria 4	Funções da Biblioteca Escolar
Categoria 5	Cultura e Ação Cultural na Biblioteca Escolar

Fonte: dados interpretados pela autora da pesquisa.

APÊNDICE D – BIBLIOTECA ESCOLAR E CURRÍCULO – Identifica e Contribui

Tabela 2 – Identifica nas respostas das entrevistas a Biblioteca Escolar enquanto espaço educativo no currículo escolar, ou a ser contemplado.

SUJEITOS DAS ESCOLAS	PAUTA: currículo e biblioteca escolar PROPOSTAS DOS RESPONDENTES (E.A, E.B, E.C, E.D, E.E)	IDENTIFICAÇÃO PELAS FALAS SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR E A BIBLIOTECA
E.A	Contribui na área da literatura e área da linguagem, abranger outras as áreas do conhecimento que tivessem, vinculada à um projeto de todas as disciplinas.	Contribuição na área da linguagem o que pede um projeto de vínculo ativo com as outras disciplinas do currículo contemplando todas as áreas.
E.B	Espaço, para complementar alguns conteúdos, conhecimentos de sala de aula, apoio a comunidade, por exemplo, fazer um currículo para uma empresa, ver como acontece as entrevistas nas empresas.	Complemento para conteúdos curriculares, apoiar a comunidade na elaboração de currículo para o emprego e para entrevistas nas empresas.
E.C	Conhecer as letras e se alfabetiza mais rápido, incentivo a leitura, interpretar qualquer texto com facilidade.	Alfabetização pelos códigos de linguagem com leitura para a interpretação
E.D	Desenvolver a capacidade criativa, melhora a leitura, a interpretação, conseqüentemente, colaborar com todas as disciplinas do currículo.	Desenvolve a capacidade criativa pela leitura a interpretação ao colaborar com todas as disciplinas.
E.E	Contato direto com o aluno ver as necessidades que o aluno tem que não consta no currículo da escola, preparação para o trabalho, o que eles estão precisando, dentro da comunidade, quais as necessidades, o que podem desenvolver que favoreça e melhore a qualidade de vida deles dentro e fora da escola.	Contato direto com aluno, vê necessidades contempladas, ou não no currículo, o que desenvolve, favorece, melhora e qualifica a vida dos alunos na escola e fora dela.

Fonte: dados interpretados pela autora da pesquisa.

APÊNDICE E – AÇÕES, PROPOSTAS OBTIDAS NAS ENTREVISTAS

Tabela 3 – Ações e propostas estratégicas educativas da biblioteca escolar para a EJA.

SUJEITOS DAS ESCOLAS	PAUTA: Atividades na biblioteca PROPOSTAS DOS RESPONDENTES (E.A, E.B, E.C, E.D, E.E)	INTERPRETAÇÃO ATIVIDADES NA BIBL. ESCOLAR.	PROPOSTA ESTRATÉGICA EDUCATIVA
E.A	Criar projetos com outras áreas de conhecimento que não seja só da linguagem (E.A)	Espaço interativo.	Projetos com todas as áreas do conhecimento.
E.B	Trabalha com vídeo, trabalha com pesquisa com consulta na internet, ficar aberta para o aluno poder desenvolver atividades que ele tenha interesse. (E.B)	Vídeos, pesquisa direcionada (Blog), para atividades de interesse.	Trabalhar com Multimídias na biblioteca para a, pesquisa informativa.
E.C	Hora do conto é fundamental, tanto para blog da biblioteca, exclusivo da biblioteca, trabalhos atividades que envolvem a biblioteca no blog, evento cultural interesse da escola, promoção cultural e biblioteca como espaço que fica aberto. (E.C)	Leitura, espaço virtual de informação, comunicação de eventos, atividades culturais e espaço aberto.	Vídeos no blog da hora literária, página no blog sobre atividades, eventos e com comentário sobre a biblioteca
E.D	Laboratório de aprendizagem oportuniza variedade de materiais para que escolham de acordo com o gosto. Ler, depois desenvolver o gosto.(E.D).	Laboratório para aprender com materiais diversos	Propor uso de materiais temáticos para pesquisa na biblioteca em meio impresso e virtual.
E.E	Desenvolver projeto ambiental, projeto de horta escolar, auxiliar o trabalho pedagógico da escola, etapas da aprendizagem, na pesquisa, nos trabalhos escolares, mas também na questão de fazer projetos, de levar adiante os projetos. (E.E).	Projetos sobre o meio ambiente, projetar hortas, realizar e dar continuidade.	Realizar projetos pela biblioteca o desenvolvimento de cada etapa dos projetos até seu prazo final.

Fonte: dados interpretados pela autora da pesquisa.